

Uma voz que encantou o The Voice Angola

Em 2015, Valércya participa no The Voice Angola, o primeiro concurso do género realizado em África. Foi ali onde tudo começou a ficar mais sério. O evento tornou-a ainda mais famosa. Viu a publicidade na Internet e inscreveu-se. Dias depois participou numa audição na Rádio Escola e foi apurada.

p. 27



Cazenga tem sede de conhecimento

Em média, a Mediateca recebe mais de 700 pessoas e o serviço mais solicitado é o de pesquisas na Internet, atesta o coordenador da biblioteca de meios, Vinícius Pontes. Apesar do número de pessoas que visita a instituição, o responsável reconhece que ainda há muita gente que nada sabe da existência de uma Mediateca no Cazenga.

p. 28-29



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA



EDIÇÕES
NOVEMBRO E.P.
JORNAL DE ANGOLA | JORNAL DOS DESPORTOS

10 de Dezembro de 2018 • Ano 1 • Número 39 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

Preço: 100Kz

EM BUSCA DE RESTOS

UMA DISPUTA ACÉRRIMA PELO SUSTENTO

Em várias zonas da Capital, muitas são as famílias que, por causa da falta de emprego e dificuldades para sobreviver, têm na recolha de lixo uma maneira de encontrar o sustento. Entre eles, podemos encontrar homens e mulheres, de várias faixas etárias, entre consumidores de drogas, alcoólatras e dementes, vasculhando os contentores de lixo, à procura de algo reciclável. Há famílias que sobrevivem da venda de latas e garrafas de plástico recolhidas do lixo.

p. 04-05



KOTA FRIKIKI

"ESTÃO A MATAR A NOSSA HISTÓRIA, IDENTIDADE E DIGNIDADE"

José Narciso Arsénio Ferreira, ou simplesmente Kota Frikiki, é uma figura emblemática do bairro Sambizanga. Em entrevista ao nosso Jornal, manifesta-se contra a nova divisão administrativa da cidade de Luanda que, na sua opinião, está a matar a história, a identidade e dignidade dos Kaluanda.

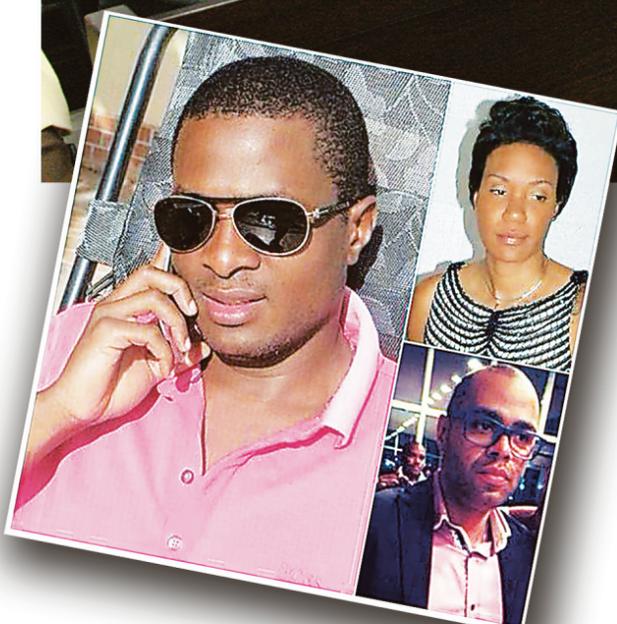
p. 16-17

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Capital atormentada por crimes passionais

A sociedade luandense foi surpreendida, há duas semanas, com o assassinato da advogada Carolina de Sousa, 26 anos, morta e colocada na fossa de sua casa no Zango, supostamente pelo seu marido, e de Lindinaura Santos, golpeada no pescoço e nos braços por Walter.

p. 18



NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

INVASÃO ÀS CASAS DE "PROCESSO"

As atitudes de alguns agentes dos serviços de fiscalização envolvidos na Operação Resgate começa a preocupar a sociedade. Na última segunda-feira, as vendedoras da Gajajeira ficaram sem as suas mercadorias que se encontravam nas chamadas casas de processo (local onde se guarda as mercadorias).

As senhoras não estavam na rua a comercializar o seus produtos na altura do acto de apreensão dos seus bens. O facto ocorreu de madrugada, sem dar qualquer oportunidade as proprietárias acompanharem o destino das suas mercadorias, tendo sido apenas avisadas no dia seguinte à operação.

Esta atitude dos agentes de fiscalização levou as senhoras a se insurgirem contra a Operação Resgate, que tem como um dos objectivos ordenar a venda ambulante, mas sem violar o direito dos visados. Muitas dizem ter investido mais de dois milhões de kwanzas para a aquisição das suas mercadorias, um investimento que provavelmente não irão recuperar.

Apesar de ter sido garantida a reposição dos meios desaparecidos, a verdade é que muitas vendedoras continuam expectantes. A pergunta que ainda não se quer calar é exactamente quem foi que orientou os efectivos a entrarem nas casas das pessoas, sem qualquer mandado e por que razão as mercadorias não foram levadas para o local criado para o efeito?

O comandante-geral da Polícia Nacional, Paulo de Almeida, garantiu que a missão da Operação Resgate não é receber os bens das pessoas, mas sim colocá-las em locais autorizados.

Luandando



ROSALINA MATETA
Editora

ACATAR ORDENS PARA EDUCAR

Um pequeno grupo de ruidosas mulheres zungueiras "marchou" até à Baixa, nas imediações do ex-cinema 1º de Maio, em protesto contra a interdição feita pela Comissão Administrativa de Luanda, à zona da Gajajeira, no espaço que servia de mercado de todo o tipo de produtos. A desactivação teve lugar na segunda-feira, 2 de Dezembro, na sequência da "Operação Resgate". O protesto dividiu opiniões. As zungueiras alegaram que a pretexto de acabar com a balbúrdia naquela zona, os fiscais entraram nas chamadas casas de "processo" e levaram as suas mercadorias e com elas o sustento de seus filhos, como elas mesmas disseram em altas vozes. É verdade que mãe alguma, digna deste nome, permanece impávida e serena quando a vida ou a integridade física de seu filho está em risco. Mas, não foi exactamente o caso.

Quanto ao acto dos fiscais é a todos os títulos condenáveis. Fazendo fé ao que foi noticiado, já houve penalizações aos excessos na actuação dos agentes. Esta imediata reacção de quem está na direcção da Comissão Administrativa de Luanda dá credibilidade ao órgão e a "Operação Resgate".

Mas, voltamos às mulheres "kintandeiras" da Gajajeira para fazer alguns reparos. Primeiro: as mulheres, em momento algum devem perder de vista a máxima que diz que "educar uma mulher é educar uma nação". Chamem-lhe chavão ou outro disparate qualquer, está comprovado de que são as mães quem educam os filhos, por mais presentes que sejam os pais. A educação é tão da responsabilidade da mãe que ante um deslize do filho(a), o pai atribui de imediato a culpa à mãe para dizer que ela falhou com o seu dever de cuidar. Logo, as mulheres são o centro de tudo. Gosto de pertencer a este género.

Segundo: a necessidade de ganharmos dinheiro para mantermos o pão de cada dia dos nossos filhos, não pode e nem deve servir de motivo para desacatarmos as ordens das autoridades legalmente instituídas. Porquanto, todas sabemos que uma cidade sem ordem é como uma casa sem líder, onde todos gritam e ninguém tem razão.

Terceiro: mulheres, mães zungueiras, nunca descuidar da saúde e da educação dos vossos filhos. Então, como cuidar da educação e da saúde da nossa sociedade se nós, mães, nos permitimos vender pão, carne e outros produtos em locais sujos e infectos de moscas, que não despegam dos alimentos?

Quarto: mulheres batalhadoras acatem as ordens e orientações do nosso Estado. Vamos educar a Nação, começando pelos nossos filhos. Reclamam sim, por locais mais apropriados para o vosso negócio. Primem pela higiene. Vamos sim resgatar os bons costumes. Por quê não aproveitar a boleia da "Operação Resgate"?

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVENBRO

Perigo de vida

PEÕES IGNORAM AS PEDONAIS

Mesmo com os avisos das autoridades sobre a necessidade de os cidadãos terem a cultura de atravessar as estradas nas pedonais e passadeiras, ainda existem alguns que preferem ignorar pondo em

risco as suas vidas. Com a diminuição do índice de mortes por acidentes nas estradas, por causa das operações da Polícia, é preciso que a população colabore com as autoridades com vista a se evitar este tipo de conduta que nada dignifica a sociedade.

A palavra ao leitor



"Resgate" devolve passeios aos transeuntes

As ruas de Luanda estão cada vez mais arejadas. Já permitem uma maior circulação de pessoas nas avenidas. Penso que a Operação Resgate era mesmo necessária para conter a venda anárquica em passeios e beiras de estrada que não eram poupados pelos vendedores ambulantes. Onde as pessoas estavam impedidas de passar, hoje já conseguem circular sem grandes preocupações. Os excessos de lixo ao longo das ruas tinham muito a ver com a venda desordenada em muitos pontos da nossa cidade. Bem-haja Operação Resgate.

Emanuel Victor
Golfe

Aposta na juventude

Fui à Feira de Inovações Tecnológicas, no Instituto de Telecomunicações e muito sinceramente gostei do que vi. Notei com agrado que há em Angola muitos jovens com talento. Sugiro que os mesmos sejam acolhidos pelo Executivo e que futuramente abrace os seus

projectos, dando-lhes oportunidades. Um dos grandes privilégios que aqueles jovens têm é a possibilidade de contribuir com o seu saber nas instituições onde concluírem a formação. Há que apostar seriamente na juventude.

Maria Costa
Viana

Dar a comida que sobra

Tem sido preocupação de muitos luandenses como eu, ver crianças e adultos mexer nos contentores de lixo todos os dias à procura de alguma coisa para comer. Em Luanda há muitos restaurantes e supermercados. Alguns destes estabelecimentos tem a má fama de nem sequer darem as sobras aos seus trabalhadores, permitindo-se deitar fora comida, alegando evitar roubos. São regras da casa. Mas, agora pergunto: será que estes restaurantes e supermercados não poderiam juntar a comida que sobra do dia e dar aos necessitados? Não é possível criar um banco de alimentação para dar a estas pessoas?

Kátia Luís
Zango

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Editores: Rosalina Mateta e Domingos dos Santos

Sub-Editores: António Pimenta e Adalberto Ceita

Secretária de Redacção: Maria da Gama

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus e Nilza Massango

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Departamento de Paginação

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe-adjunto), Adilson Félix, Waldemar Jorge & Jorge de Sousa

Ilustração: Armando Pululo & Edna Mussalo

Morada: Rua Rainha Jínga 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **EMAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVENBRO S.P.
JORNAL DE NOTÍCIAS GERAIS E DESPORTOS

Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Rui André Marques Úpalavela, Luena Cassonde Ross Guinapo

Administradores não Executivos: Filomeno Jorge Manaças, Mateus Francisco dos Santos Júnior



**MENDES DE CARVALHO
CIDADÃOS DEVEM PAGAR
O CONSUMO DE ENERGIA**

O governador de Luanda, a quem coube inaugurar a electrificação do bairro, exortou a população a cultivar o hábito de pagar o consumo de energia e usar, cuidar e preservar o bem posto à sua disposição.



**PROJECTO DE EXPANSÃO
REALIZADAS MAIS DE 400
LIGAÇÕES DOMICILIÁRIAS**

A colocação do PT enquadra-se no projecto de expansão dos serviços de electrificação em curso em Luanda, onde, nos últimos quatro meses, foram realizados 400 novas ligações das 720 previstas no sistema pré-pago nos bairros Augusto Ngangula e Kikolo.

MUNICÍPIO DE CACUACO

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Desde que passou a usufruir de energia eléctrica da rede pública, há pouco menos de 10 dias, Jacinta Pedro mudou radicalmente o seu posicionamento diante da vida. Em síntese, passou a ser uma mulher cada vez mais comprometida com o bem. Moradora no bairro Boa Esperança III, ela e os filhos integram a lista das mais de 900 famílias que deixaram de depender dos PT's privados.

A satisfação de Jacinta Pedro é acrescida por saber que o bairro onde reside está agora mais iluminado e, por isso, tem parte das condições criadas para dificultar a acção dos delinquentes, principalmente no período nocturno.

Ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, desabafou que suportou longos anos a viver na escuridão. Quando assim não foi, teve de aturar o barulho ensurdecedor de geradores. Porém, sempre acreditou que um mal não dura para sempre.

"Deus ouviu as nossas súplicas e a resposta de Deus tarda mas sempre chega. Aí está a luz da rede pública que veio trazer alegria aos moradores da Boa Esperança III", disse emocionada Jacinta Pedro.

Santana Lopes, de 78 anos, também morador, partilha o mesmo sentimento. Com mais de 20 anos de vivência no bairro, afirmou que o tempo levou-o a perder esperança em ver o bairro que um dia ajudou a erguer iluminado com energia da rede pública.

"Pela idade e experiência que tenho do assunto, confesso que não esperava ver um dia esse bairro iluminado nessas condições", disse.

O ancião agradeceu o que considerou trabalho árduo do Governo que, mesmo com poucos recursos, colocou energia eléctrica à disposição da comunidade da Boa Esperança.

Na qualidade de mais velho, Santana Lopes aconselhou os beneficiários a celebrar contrato com a Empresa Nacional de Distribuição de Energia (ENDE) e pagar as contas mensais resultantes do consumo.

Adão Gomes, coordenador do bairro, afirmou que foram anos e anos privados de corrente eléctrica da rede pública. Manifestou satisfação com o projecto de electrificação e defendeu a necessidade de colocação de mais dois PT's, para maior cobertura do bairro.

EXPANSÃO DA ELECTRIFICAÇÃO

Com a entrada em funcionamento do PT público, no Boa Esperança III, o administrador municipal de Cacuoaco informou que mais de 915 residências passaram a beneficiar de energia eléctrica. Augusto José aproveitou a oca-



**Boa Esperança III
beneficia de energia
eléctrica 20 anos depois**

Vinte anos depois, os moradores do bairro Boa Esperança III, Distrito Urbano de Cacuoaco, município com o mesmo nome, passam a beneficiar de energia eléctrica da rede pública. A entrada em funcionamento de um Posto de Transformação (PT), de 1000 KVA, mudou a vida de centenas de famílias.

são e agradeceu o empenho dos funcionários da ENDE e o trabalho desenvolvido pelas autoridades de Luanda.

Por sua vez, o director do Centro de Distribuição da ENDE no Ngola Kiluanje, Adriano Sebastião, não escondeu a satisfação com a conclusão de mais um desafio. Saliu que a colocação do PT enquadra-se no projecto de expansão dos serviços de electrificação em curso em Luanda.

"Nos últimos quatro meses, no âmbito do programa de electrificação, realizamos 400 novas ligações das 720 previstas no molde pré-pa-

go nos bairros Augusto Ngangula e Kikolo", disse Adriano Sebastião.

PRESERVAÇÃO DO BEM COMUM

O governador provincial, Adriano Mendes de Carvalho, a quem coube a honra de inaugurar o projecto de electrificação, apelou aos beneficiários a cultivar o hábito de pagar o consumo de energia eléctrica. Pediu, igualmente, para que saibam usar, cuidar e preservar o precioso bem.

Adriano Mendes de Carvalho aproveitou a ocasião e lançou o repto aos moradores para com-

bater os actos vandalização dos bens públicos. "Este tipo de comportamento deve ser banido e a comunidade tem a obrigação denunciar todos os prevaricadores que afectam a boa convivência social", disse o governador provincial.

Satisfeito com mais um passo em prol da melhoria da condição de vida da população de Cacuoaco, Adriano Mendes de Carvalho salientou que a energia é sinónimo de desenvolvimento.

A tinta de caju

LUCIANO ROCHA



TAMBARINO MULOCCO

O sumo do caju, aviso outra vez, onde cai não sai mais, nada lhe tira, nem feitiço, quanto mais lágrimas de mona na hora entrar em casa com nódoa na roupa e surra anunciada.

Meu aviso repetido tem explicação nesta época em que nossos cheiros, cores, sabores são quase apenas saudades das coisas boas de tempos maus. Que uns quantos não conheceram e outros fingem não ter vivido. Por vergonha do que os devia honrar. Se algum desses enfatuados, entre tantos afazeres e canseiras para se europeizar, tiver tempo para ler estas linhas escritas com tinta de caju, não comece já a falar palavras podres, nem se dê ao trabalho de ir ao dicionário para provar que escrevi mal "tambarino" e "tambarineiro". Aos enfatuados e enfatuadas, que de repente tomaram conta dos destinos desta Luanda, a esventraram em nome de um progresso que apenas lhes fez progredir as contas bancárias, lhe tiraram as brisas boas vindas da Ilha do Cabo e do Mussulo e os paus de frutas nos quintais, nas ruas, por todo o lado, para agora as importarem, peço-lhes: não a magoem mais. Deixem-na, ao menos, ouvir os seus filhos falar o português diferente que souberam inventar.

De palavras entrecruzadas com tantas das nossas outras línguas. E não saem porque escritas com tinta de caju. Tudo isto, para vos contar que, há dias ouvi, um dos tais enfatuados, na mesa de um restaurante, dizer, em alto e bom tom, para ser escutado na sala inteira, que comprara, num supermercado da moda, uma embalagem de "tamarindos" importados que "eram uma doçura, nada a ver com os de cá", de tal forma que os filhos tinham acabado "com eles num abrir e fechar de olhos". E ria-se o alarve. Era o novo-riquismo à solta. E senti pena, não dele, mas dos filhos. Que como tantas das nossas crianças nunca comeram sequer um tambarino, verdadeiro muloco, a despegar-se da casca, amarelo-torrado. Que nós falávamos era marmelada. Mas, isso foi no tempo em que havia paus de fruta pela cidade inteira e todos chupávamos nossos saborosos tambarinos, muloco, pareciam era marmelada.



ALÊ PANZO FALTA DE EMPREGO AGUDIZA A CRISE

Com a ida para o Zango muitos acabaram por perder o sustento e agora vêm-se numa situação difícil. A crise que o país atravessa alia-se a falta de oportunidades de emprego para quem muda para uma zona nova.



AMÉLIA CATULA DINHEIRO DA RECOLHA AJUDA NO SUSTENTO

A indigente cobra mil kwanzas por um carro de mão cheio de comida recolhida no lixo. Com o dinheiro, compra cerveja, cigarros e água. "Aqui há muitos jovens sem abrigo. Dormem próximo dos contentores de lixo, no capim, e fazem o mesmo que eu", disse Amélia Catula.

DRAMA DE MUITAS FAMÍLIAS

O drama de quem depende do lixo para sobreviver

Muitas pessoas, maioritariamente homens, entre consumidores de drogas, alcoólatras e dementes, vasculham os contentores de lixo, em várias zonas da capital do país, à procura de algo reciclável. Há famílias que sobrevivem da venda de latas e garrafas de plástico recolhidas do lixo.



Helma Reis

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

João Baptista, 39 anos, enfrenta dificuldades extremas para sobreviver. Todos os dias recolhe alimentos nos contentores de lixo. O *Luanda Jornal Metropolitano* surpreendeu-o numa manhã de quinta-feira, numa esquina da zona 3 do condomínio Vida Pacífica, em Viana.

Tinha duas caixas de sapatos vazias com pedaços de carne, frango, peixe e outros alimentos em estado avançado de putrefacção, que recolhera do contentor.

Com os restos já guardados, João Baptista explicou como se tornou mendigo. "Era militar. Depois de ser desmobilizado, caí na desgraça da bebida e vim parar à rua. Abandonei a mulher e os filhos em casa. Eles já não me suportavam", disse.

"Foi difícil. Não é fácil comer os restos de comida apanhados no contentor. No princípio tinha muita vergonha. Lembro como se fosse hoje o primeiro saco de lixo que abri, para encontrar comida. Foi no bairro da Boavista. Havia ovos, massa e carne de porco", referiu.

Nos primeiros tempos pegava

"Fiquei com medo. Estava a tremer. Mas aqui é mesmo assim. Quando o contentor está cheio, todos lutam para recolher o melhor pedaço de comida", contou Amélia Catula, que além de comer os restos, ainda leva sobras para vender aos criadores de porcos.

no saco de lixo e levava para um lugar tranquilo, onde escolhia o que comer. "Mas agora perdi a vergonha. Abro os sacos aqui mesmo nos contentores", afirma.

No final da tarde, no condomínio Vida Pacífica, depois das empregadas das residências atravessarem as ruas para depositar o lixo, um grupo de pessoas,

maioritariamente homens, entre consumidores de drogas, alcoólatras e dementes, vasculha os contentores.

Junto a um contentor de lixo, Amélia Catula, 52 anos, moradora do bairro Muxi Ymoxi, nas proximidades do novo aeroporto de Luanda, também luta pela sobrevivência. Lembra com mágoa o dia em que levou um safanão numa disputa por um pedaço de pão, no meio do lixo.

"Fiquei com medo. Estava a tremer. Mas aqui é mesmo assim. Quando o contentor está cheio, todos lutam para recolher o melhor pedaço de comida", contou



**VIDA PACÍFICA
CONTENTORES SÃO
VASCULHADOS**

No condomínio Vida Pacífica, depois das empregadas das residências atravessarem as ruas para depositar o lixo, um grupo de pessoas, maioritariamente homens, entre consumidores de drogas, alcoólatras e dementes, vasculha os contentores.



**DRAMA DAS FAMÍLIAS
DESEMPREGADOS EM BUSCA
DE SOBREVIVÊNCIA**

Em Luanda, há muitas famílias que sobrevivem da venda de latas e garrafas de plástico, recolhidas nos contentores e lixeiras. É desta forma que o jovem desempregado Paulo Silva procura obter dinheiro para os gastos com alimentação, roupa, escola e saúde dos filhos.

PLÁSTICO E LATAS CONTRIBUEM PARA A RENDA

EM LUANDA, há muitas famílias que sobrevivem da venda de latas e garrafas de plástico, recolhidas nos contentores e lixeiras. É desta forma que o jovem desempregado Paulo Silva procura obter dinheiro para os gastos com alimentação, roupa, escola e saúde dos filhos.

Paulo Silva tem pontos de recolha bem definidos. A rotina começa às cinco da manhã nos contentores da Centralidade do Kilamba e termina no Zango. "Não é uma tarefa fácil. Só que, se eu não me mexerm, os meus filhos ficam sem pão para comer e cadernos para estudar", justificou.

O sociólogo Além Panzo lembrou que o Zango foi criado para realojar parte da população que residia em zonas de risco, sobretudo da Chicala e Boavista, onde muitos dependiam da pesca para resolver os seus problemas básicos.

Com a ida para o Zango, acrescentou, mui-

tos acabaram por perder o sustento e agora vêm-se numa situação difícil em termos de sobrevivência. De acordo com o especialista, à crise que o país atravessa alia-se a falta de oportunidades de emprego para quem muda para uma zona nova, o que agudiza ainda mais a situação destas famílias.

Além Panzo valoriza a experiência de alguns países onde as pessoas, apesar de colocarem os restos de comida no lixo, fazem-no a pensar naqueles que não têm o que comer para sobreviver.

"Mas a realidade dos luandenses é completamente diferente. Podem colocar em causa a integridade física das pessoas que dependem do lixo", disse.

Além Panzo destacou que as famílias perderam o poder de compra e estão fragilizadas do ponto de vista económico. "Sempre houve pobres, mas grande parte deles tiveram

sempre o que comer. Mesmo sem a qualidade ou quantidade de alimentação exigida diariamente, as pessoas não recorriam ao lixo, o que demonstra claramente que é preciso criar melhores condições sociais para estas pessoas", enfatizou.

Para o sociólogo, é preciso dar mais oportunidades às pessoas que vivem nestas condições, no sentido delas produzirem para elas mesmas. "Quanta comida desperdiçamos?", questionou.

Em sua opinião, há um conjunto de actividades solidárias que podem ser aliadas aos restaurantes e outras entidades, no sentido de minimizar a situação em que se encontram as famílias carenciadas. "Existem zonas de grande atracção de empresas, que no âmbito das suas responsabilidades sociais deviam olhar mais para os problemas das comunidades locais", defendeu. **HR**



HELMMA REIS | EDIÇÕES NOVEMBRO



HELMMA REIS | EDIÇÕES NOVEMBRO

Amélia Catula, que além de comer os restos, ainda leva sobras para vender aos criadores de porcos.

A indigente cobra mil kwanzas por um carro de mão cheio de comida recolhida no lixo. Com o dinheiro, compra cerveja, cigarros e água. "Aqui há muitos jovens sem abrigo. Dormem próximo dos contentores de lixo, no capim, e fazem o mesmo que eu. Tiram comida do lixo para comer e para vender às pessoas que criam porcos", revelou.

Mãe de quatro filhos, Amélia Catula é viúva. Vive numa casa de chapa e reclama da perda de boa parte do seu terreno, devido às obras de construção do novo aeroporto de Luanda.

SOBREVIVÊNCIA Jovens de várias idades são vistos a recolherem no lixo plásticos para a venda afim de obterem dinheiro para o sustento



SALIVA ANIMAL UM TRANSMISSOR PERIGOSO

Na zona urbana, os potenciais animais transmissores de raiva são o cão, o gato e o macaco. O vírus transmite-se pela mordedura, arranhadura e lambadura em mucosas. Esta última vem contrariar as pessoas que deixam o cão lambe a ferida após o ataque. Trata-se de um erro grave.



FELISMINA NETO VACINA ANTI-RÁBICA

"Infelizmente muitas pessoas depois de mordidas, ficam em casa sem vacina ou assistência médica adequada. As mortes por raiva ocorrem porque as pessoas procuram os serviços de saúde tardiamente e uns simplesmente não cumprem com as cinco doses da vacina anti-rábica, que protege e previne a pessoa da doença após a mordedura".

MORDEDURA MORTAL

Luanda está longe de se livrar da raiva

As pessoas insistem em não levar os seus animais às consultas de veterinária e em caso de mordedura de um animal infectado procuram tardiamente os serviços de saúde e abatem o animal



Nilza Massango
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Luanda registou, de Janeiro a Novembro deste ano, 53 casos de raiva que resultaram em óbito, sendo 95 por cento deste número crianças em idade escolar.

O risco de surgimento de novos casos paira no ar, por isso as autoridades sanitárias da província intensificaram as campanhas de vacinação. Infelizmente, apesar destes esforços, há

pessoas que insistem em não levar os seus animais aos postos de vacinação. Uns mantêm os animais doentes em casa, outros abandonam-nos e, em caso de mordeduras, matam o animal.

A raiva é cem por cento mortal. Sem cura. Pelo mundo contam-se as pessoas que sobreviveram ao vírus. Em declarações ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, a coordenadora do Programa Provincial de Vacinação, Felismina Neto, disse que as pessoas vítimas de mordedura procuram tardiamente os serviços de saúde, após serem atacadas por um animal infectado.

"As mortes por raiva ocorrem porque as pessoas procuram os serviços de saúde tardiamente e uns simplesmente não cumprem com as cinco doses da vacina anti-rábica, que protege e previne a pessoa da doença após a mordedura", explicou.

Todos os dias são registados casos de mordeduras por cães nas várias unidades hospitalares da capital angolana. Felismina Neto adiantou que o Hospital Pediátrico David Bernardino é a unidade que mais regista casos de óbitos por raiva. A médica aconselha as pessoas sem condições para alojar,

"Temos de criar um estatuto para penalizar as pessoas que não cuidam dos seus animais. As campanhas não acontecem sempre e são muito caras. Temos de investir na vacinação de rotina, na recolha de animais nas ruas, reactivar os canis e gatis"



HOSPITAL PEDIÁTRICO MAIOR NÚMERO DE ÓBITOS POR RAIVA

Todos os dias são registados casos de mordeduras por cães nas várias unidades hospitalares localizadas na capital. O Hospital Pediátrico de Luanda é o que mais regista casos de óbitos por raiva.



MUNICÍPIO DO CAZENGA MORDEDELA FATAL

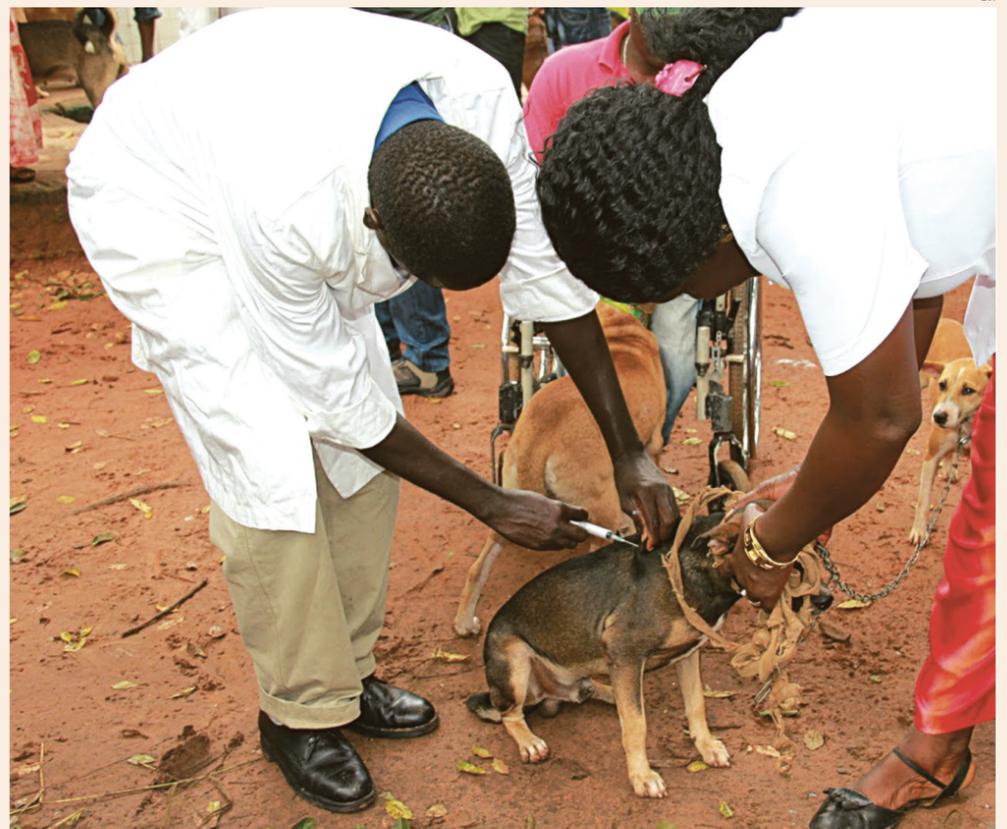
No Cazenga, um cão mordeu o seu dono, a filha, a neta e mais dois filhos do vizinho. Todos ficaram em casa, sem procurar ajuda médica. O dono matou o animal, pensando que havia resolvido o problema. Depois de 30 dias, a neta começou a mostrar sintomas e no hospital se descobriu que tinha raiva. A criança morreu dois dias depois.

criar, alimentar e levar os animais às consultas de veterinária, a evitarem ter em sua casa cães, gatos ou macacos. Estes, acrescentou, são animais domésticos que, quando não cuidados, apanham o vírus da raiva que transmite ao homem através da mordedura, arranhadura ou lambedura.

A coordenadora do Programa Provincial de Vacinação disse que devem ser penalizados todos aqueles que insistem em criar animais portadores do vírus da raiva, sem os levar à vacina,

e que os abandonam na via pública. "Temos de criar um estatuto para penalizar as pessoas que não cuidam dos seus animais. Só assim, acredito, podemos resolver o problema da raiva no país", disse, para acrescentar que é preciso atacar a causas da doença.

"As campanhas não acontecem sempre. Uma simples campanha custa muito caro. Temos de investir na vacinação de rotina, na recolha de animais nas ruas, reactivar os canis e gatis", disse.



ATITUDE Levar regularmente os animais às vacinas de rotina previne o surgimento de doenças

MEDIDAS DE PREVENÇÃO

A COORDENADORA do Programa Provincial de Vacinação esclarece que tem havido alguma confusão nos procedimentos a seguir em caso de mordedura. A primeira medida a tomar é lavar a ferida com bastante água e sabão para remover o vírus, na medida em que a boca do animal contém microrganismos nocivos ao homem. Depois de lavada a ferida, o segundo passo, se o animal for conhecido, é levá-lo aos serviços de veterinária e a pessoa mordida ao hospital.

Felismina Neto explicou que nem toda a mordedura precisa de vacina e só se deve vacinar nos casos em que o animal é desconhecido ou

se, durante nos dez dias em que estiver em observação, morrer. Na zona urbana, os potenciais animais transmissores de raiva são o cão, o gato e o macaco. O vírus transmite-se pela mordedura, arranhadura e lambedura em mucosas. Esta última vem contrariar as pessoas que deixam o cão lambe a ferida após o ataque. Felismina Neto considera "um erro grave" esta atitude, uma vez que o vírus da raiva fica na saliva do animal.

"Se mandarmos o animal lambe a ferida, estamos a transportar directamente o vírus da saliva do animal para a ferida e, assim, não tem como nos salvar", alertou.

MORTES POR NEGLIGÊNCIA



FELISMINA NETO lamentou existirem pessoas que ficam em casa depois de serem mordidas, sem vacina ou assistência médica adequada. A médica lembrou o caso ocorrido no município do Cazenga, onde um cão de casa mordeu o dono, nesse caso o pai, a filha, a neta, e mais dois filhos do vizinho. "Todos ficaram em casa, sem procurar ajuda médica. O dono matou o animal, pensando que havia resolvido o problema. Depois de 30 dias, a neta começou a mostrar sintomas e foi levada ao hospital, onde se descobriu que tinha raiva. A criança morreu dois dias depois", contou.

A mãe da menina, também mordida pelo animal, tomou as doses e acabou por ser salva. Já o dono do cão, por ser diabético, acabou por morrer, não por raiva, mas por infecção. "Ele foi ferido

pelo genro, que o culpava pela morte da neta. Como não fez o devido tratamento, acabou por apanhar uma infecção generalizada que causou a sua morte", explicou.

Já um dos filhos do vizinho, mordido pelo mesmo cão, também acabou por morrer, porque a mãe deixou de dar as doses de vacina. A criança tinha feito apenas uma vacina.

As pessoas vítimas de mordedura devem fazer cinco doses de vacina em 21 dias. A dose zero é a que se faz para sensibilizar o organismo. "O caso da família do Cazenga é um exemplo de negligência. O proprietário não vacinou o cão. O cão mordeu três membros da mesma família e dois da vizinhança. O dono matou o cão e ficou em casa. Nada feito", lamentou.



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

Que a paz do Natal se multiplique no ano que se inicia!

A Edições Novembro, E.P. deseja

aos seus Clientes, Colaboradores e Parceiros

Feliz Natal e Próspero Ano Novo!

Que 2019 seja repleto de alegria, saúde e sucesso.

Boas Festas

VENTOS DO SUL

JORNAL REGIONAL DA HUÍLA, NAMIBE, CUNENE E CUANDO CUBANGO

O Jornal que aborda o dia-a-dia das Províncias da Huíla, Namibe, Cunene e Cuando Cubango.

Propriedade da



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela imprensa

LUANDA

O JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL



Um título independente



A vida da província de Luanda com muito mais conteúdo e dinamismo...

PROPRIEDADE



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

centrooptico
Você nunca viu nada assim

JÁ ABRIU

NOVA LOJA TALATONA

Centro Comercial Espaço Avenida
Rua do Centro de Convenções S8

ARMAÇÕES
DESDE
4.900KZ

ESCOLHA JÁ A SUA!

TEMOS LOJAS EM:

Zé Pirão • Golf 2 • Viana • Cacuaco • Nova Vida • Zango
Mutamba • Samba • Gamek • Aeroporto doméstico

+244 923 400 300 | /centroopticoangola | /centrooptico_angola | centroopticoangola.com



SUPERFÍCIES COMERCIAIS PREÇOS ELEVADOS AFUGENTAM CLIENTELA

Clientes de algumas superfícies comerciais que se mostraram insatisfeitos com os preços dos produtos, que fazem parte da ceia de Natal, alegam que estes tendem a disparar. Alguns admitem que este ano é o pior.



SAMBA MUONDO FILHO ENTRISTECIDO

Samba Muondo estava na loja com o filho e lamentou vê-lo triste porque não tinha dinheiro suficiente para oferecer-lhe o vídeo game que o menino tanto pedia como presente de Natal. Esta mãe faz compras em diversos supermercados e tem por hábito comparar preços e adquirir os produtos mais baratos.

PREPARATIVOS PARA O NATAL



CABAZ DE NATAL Alguns supermercados estão sem atractivos para a quadra festiva e em outros há fraca afluência de clientes

Clientes evitam grandes gastos

Consumidores estão mais preocupados com a cesta básica do que com os enfeites ou presentes de Natal, que por sinal também viram os preços disparar.

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Alguns supermercados da cidade de Luanda ainda não oferecem grandes atractivos para o Natal. Há igualmente uma fraca frequência dos clientes a estes estabelecimentos. O *Luanda, Jornal Metropolitano* abordou clientes de algumas superfícies comerciais que se mostraram insatisfeitos com os preços dos produtos que fazem parte da ceia de Natal.

Luzia Miguel, cliente do Supermercado Kero, no Morro Bento, disse que não contará com excessos de despesa no Natal, porque nota que, todos os anos, em Dezembro, os preços tendem a disparar. “Este ano é o pior. Pode notar que o preço de alguns pro-



CARÊNCIA Nos locais habituais não se verifica a agitação de pessoas e os enfeites de Natal desapareceram



ductos como o bacalhau, o azeite de oliva, o grão-de-bico e a batata rena dispararam nos últimos dias. Até os preços do açúcar e da farinha de trigo também subiram”, disse.

Luzia Miguel lembrou que os preços variam de acordo com a loja. Segundo a cliente, nos mercados informais, os preços também dispararam.

Na nossa ronda, vimos consumidores mais preocupados com a cesta básica do que com os enfeites ou presentes de Natal, que por sinal também viram os preços disparar.

Samba Muondo estava na loja com o filho e lamentou vê-lo triste porque “não posso oferecer-lhe o vídeo game que o menino tanto quer como presente de Natal, porque o preço está bastante elevado”.

Esta mãe faz compras em diversos supermercados e tem por hábito comparar preços e adquirir os produtos mais baratos. “Hoje, só vim comprar as coisas da cesta básica e alguns mi-ninhos para o meu filho”, explicou.

“Em relação ao supermercado Noso Super, o Kero tem produtos mais baratos, como os cereais, as bolachas de marca Cuetara e o frango que está a 763 kwanzas”, indicou.

Quanto à ceia de Natal, Samba Muondo frisou que, devido à subida dos preços, “tem que se comer o que tiver, porque os preços de alguns produtos ainda irão subir mais, por se tratar de uma época festiva”.

Telmo Garcia deslocou-se à loja Agro-Santos para comprar uma árvore de Natal grande e os enfeites. Mas o dinheiro foi insuficiente, pelo que optou por uma pequena que custou quatro mil e 300 kwanzas.

Aquele estabelecimento comercial, que já foi um dos mais procurados da capital para aquisição de enfeites e árvores de Natal, entre outros produtos, regista também uma oscilação de preços em relação a outros supermercados.

Segundo alguns clientes, este supermercado já foi mais convidativo, mas, com a crise financeira, os preços dispararam. “Os enfeites de Natal, noutros anos, variavam de 500 a 1.000 kwanzas. Hoje, os preços estão entre 2.143 e 3.336 kwanzas por cada unidade, o que para mim é caro”, reclamou Telmo Garcia.

O supermercado Shoprite, no Morro Bento, parece ser o que tem preços mais atractivos. Para este Natal tem uma vasta gama de brinquedos, cujos preços variam entre 1.900 e 4 000 kwanzas.

CABAZES DO KERO

O supermercado Kero propõe aos seus clientes vários tipos de cabazes de Natal. O Prata tem 28 produtos e custa 17.000 kwanzas. O cabaz mais barato é o da cesta básica, com 24 produtos e fica por 10.000 kwanzas. O cabaz Premium, o mais caro, custa 715.000 kwanzas.



**ORDEM PÚBLICA
VENDA DESORDENADA
TEM DIAS CONTADOS**

A "Operação Resgate" visa, entre outros objectivos, manter a ordem pública e estancar a venda desordenada e em locais impróprios. Mas há quem faz resistência às ordens da autoridade do Estado.



**CARTÃO DE AMBULANTE
REQUISITOS
PARA OBTENÇÃO**

Para tratar do cartão de ambulante, os interessados entregam cópias do Bilhete de Identidade e do cartão de contribuinte, duas fotografias e 1.760 kwanzas. Em alguns casos, também é necessário o boletim de sanidade.

VENDAS CONDICIONADAS

Fraca "Zungu" e pouco frenesim para o Natal nas ruas de Luanda

Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

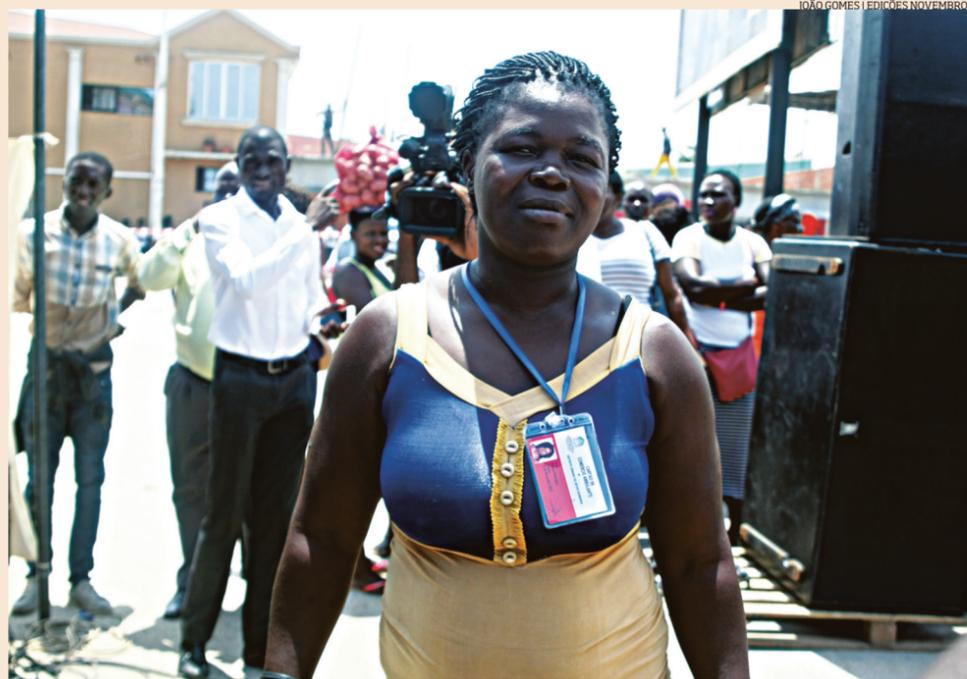
Faltam poucos dias para o Natal e aumenta a procura dos produtos consumidos nesta época, mas há menos vendedores, principalmente nas praças. Se nos anos anteriores, os vendedores invadiam as ruas de Luanda com enfeites diversos para a decoração de residências, escritórios e estabelecimentos comerciais, este ano, com a "Operação Resgate" em curso, os vendedores de rua estão a ser obrigados a tratar o cartão de ambulante, que os legaliza para o exercício da actividade. Porém, os ambulantes encontram dificuldades para a obtenção do documento nas administrações municipais e distritais.

O Luanda, Jornal Metropolitano (LJM) saiu à rua para conhecer a realidade dos locais onde se trata os cartões de vendedor ambulante e avaliar o ambiente comercial nas ruas da capital. A maioria dos luandenses estava habituada a comprar enfeites de Natal aos vendedores que ficavam à porta de armazéns e lojas do São Paulo e Combatentes. Constatámos, espantosamente, que o cenário é bem diferente dos anos anteriores. Nos locais habituais não se verifica a agitação de pessoas. Os enfeites de Natal e outros tipos de negócio desapareceram.



RESISTÊNCIA É possível ver que algumas ambulantes continuam a vender diversos produtos desrespeitando as autoridades policiais

CARTÃO DE AMBULANTE



A equipa de reportagem do LJM esteve nas administrações do Rangel e do Sambizanga e constatou que para tratar dos cartões de ambulante não há enchentes tal como ouvimos de outras fontes.

Na Administração do Rangel, um ambiente calmo, qualquer interessado para tratar do cartão de ambulante necessita apenas de se fazer portar das cópias do Bilhete de Identidade e do cartão de contribuinte, duas fotografias e 1.760 kwanzas. Pela declaração para actividade comercial paga-se 2.200 kwanzas.

Na Administração do Sambizanga, a documentação varia, além das cópias do Bilhete de Identidade e do cartão de contribuinte, também é necessário boletim de sanidade, capa de processo e duas fotografias. A Administração do Sambizanga apenas está a fazer o cadastramento dos ambulantes e posteriormente vai indicar os locais onde estes podem vender os seus produtos. Já no Rangel os processos estão a ser recolhidos, mas os cartões não estão a ser entregues.

Se nos anos anteriores, os vendedores invadiam as ruas com enfeites diversos para a decoração de residências, escritórios e estabelecimentos comerciais, este ano, estão a ser obrigados a tratar o cartão de ambulante

RESISTÊNCIA À AUTORIDADE

A "Operação Resgate" visa, entre outros objectivos, a ordem pública, estancar a venda desordenada e em locais impróprios. Mas há quem mostra alguma resistência em acatar as ordens da autoridade do Estado. Por esta razão, os fiscais e os agentes da Polícia andam atrás das zungueiras para impedi-las de vender. O episódio também acontece na zona do mercado dos Congolenses.

Mesmo ao lado destes locais, as montas das lojas e armazéns estão recheadas de enfeites de Natal, mas a adesão dos clientes é fraca.



DENUNCIE OS INFRACTORES LIGUE 113



Cabos eléctricos roubados, PT's destruídos, ligações anárquicas, energia consumida, mas não paga...
A ENERGIA ELÉCTRICA É UM BEM DE TODOS NÓS. VAMOS PRESERVÁ-LA PARA ANGOLA PROGREDIR MAIS RÁPIDO!



Somos todos nós

Televisão Pública de Angola



A televisão mais vista em Angola



DENUNCIE OS INFRACTORES LIGUE 113



Cabos eléctricos roubados, PT's destruídos, ligações anárquicas, energia consumida, mas não paga... A ENERGIA ELÉCTRICA É UM BEM DE TODOS NÓS. VAMOS PRESERVÁ-LA PARA ANGOLA PROGREDIR MAIS RÁPIDO!



(400.088)

PLANALTO

A FORÇA E TRADIÇÃO DO SEU POVO AQUI REFLECTIDO

O JORNAL DO HUAMBO E BIÉ



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela Imprensa

PLANALTO
JORNAL DA REGIÃO CENTRO DE ANGOLA

Director Fernando Cunha • 8 de Junho de 2018 • Ano 0 • Número 1

ÓBITOS E PEDIDOS NO BIÉ
USO DE PANOS AFRICANOS É OBRIGATORIO

O uso de panos de origem africana nas cerimónias fúnebres e alinhamentos tornou-se numa prática obrigatória entre as mulheres adolescentes e adultas da provincia do Bié, conduta que promove à cultura da região e por isso está a ser muito elogiada pelos turistas. São mulheres de vários estratos sociais que, nos óbitos, por exemplo, usam panos em respeito à família enlutada e à sociedade, além de manifestarem tristeza e afecto. Os panos africanos são agora trajes oficiais das mulheres da cultura umbundu. As mulheres que não os usam de forma regular têm sempre uma peça guardada numa bolsa.

ESTÁDIO DE FUTEBOL
CACILHAS VIROU CAMPO AGRÍCOLA

A 6 de Setembro de 2012, com pompas e circunstâncias, o Estádio das Cacilhas, um património histórico da cidade do Huambo e símbolo do Sport Mambra e Benfica, foi demolido, para a construção de um novo recinto para a prática do futebol. Na altura, muitos aficionados do desporto acreditavam que - tempos depois - viria uma nova era para o tradicional clube do bairro das Cacilhas, na zona suburbana da urbe huambense. Puro engano. Hoje, todos aqueles que acreditaram, piamente, que o começo da edificação do novo estádio das Cacilhas, padronizado à dimensão de uma infraestrutura moderna do século XXI, iria significar o ressurgimento do Mambra do Huambo, sentem-se defraudados.

O MAIS ALTO DO HUAMBO
OS 2,30 METROS DE HENRIQUES SOCUMBE

Solteiro de 33 anos, é tido como o homem mais alto da provincia do Huambo e, quiçá, do país. No alto dos seus 2,30 de altura, Henriques Socumbe nunca teve a sorte de encontrar alguém que o tivesse para a sua estatura e o levasse a treinar basquetebol ou voleibol, duas modalidades que "corridam" com pessoas com uma estrutura



**PAULO AFONSO
ESQUECEMOS A DATA**

“Quando chega a data, quase ninguém se apercebe. Um ou outro é que lembra e se organiza. Acho que a festa deste ano, foi pior que a do ano passado. Sobre o que é tradição quase ninguém quer saber. Sou jovem e desde pequeno que participo em cada edição. As mais velhas estão a morrer e muitos jovens só querem saber do moderno”.



**FRANCISCA ANTÓNIA
“TUDO POR CONTA PRÓPRIA”**

“Antigamente, as festas da Ilha do Cabo tinham grande dimensão. Eram divertidas e as pessoas conviviam à vontade, sem problema algum, cada um com a sua família. Mas, agora, tudo mudou. Somos nós a montar tudo, sem o apoio do Governo da Província ou das administrações. A segurança já não é a mesma e número de participantes reduziu”.

FESTA DA ILHA DO CABO

Conhecida, essencialmente, pelos rituais, homenagens, actividades recreativas, culturais, religiosas e desportivas, a tradicional Festa da Ilha do Cabo, no Distrito Urbano da Ingombota, que no mês de Novembro assinalou a 38ª edição, hoje, pouco se fala dela. A tradição resiste, mas entre os próprios ilhéus o desinteresse é cada vez maior a julgar pela forma quase despercebida que tem sido vivida.

Longe das grandes festas do passado, que movimentavam milhares de pessoas oriundas de todo o país e até do estrangeiro, este ano a festa foi marcada com a não realização de habituais rituais. O “Caculo”, que inclui o lançamento ao mar de comidas e bebidas é apenas um exemplo.

“Já não se fazem festas vivas, como antigamente, devido ao fraco de apoio do Governo da Província de Luanda, desde 2002”.

Cidadãos com ligação à comunidade da Ilha do Cabo, área composta por uma estreita língua de terra com sete quilómetros de comprimento, alegam que “já não se fazem festas vivas, como antigamente, devido ao fraco de apoio do Governo da Província de Luanda, desde 2002”. Na sua maioria, as opiniões vão no sentido de que as



Escassez de apoios retira o brilho à tradição secular

festas da Ilha de hoje são muito diferentes daquelas a que os ilhéus e não só estavam acostumados. Além do pouco apoio, as mortes na classe dos sobados é também descrita como causa da “fraqueza” das fes-

tas. Embora tenha uma tradição secular, a realidade demonstra que, cada ano que passa, o seu significado tem cada vez menos importância, o que é mau. Segundo reza a história, as festividades da Ilha

do Cabo são realizadas, anualmente, no mês de Novembro, desde a Chicala até ao Ponto Final. O *Luanda, Jornal Metropolitano* esteve na Ilha do Cabo e ouviu depoimentos de axilundas, alguns

dos quais não se coibiram de manifestar o desagrado pela pouca divulgação, desinteresse pela tradição e fraco apoio para o seu êxito da parte das entidades administrativas.

NILZA MASSANGO



Ana Francisco
“Poucos participam”

“Minha filha, tudo mudou. Nasci, cresci e desde sempre vivi na Ilha e, hoje, não vejo mais nenhuma graça em participar desta festa. É um costume que está a morrer aos poucos. Os mais velhos estão a morrer e os jovens não querem saber da tradição”.



Frederico Samakuenge
“Falta de interesse”

“Não participo porque já não é a mesma festa de antes, mudou muito. Noutra época, havia força. Quase toda a Ilha ficava em festa e recebíamos muitos visitantes. Hoje, há pouco movimento. Acredito que seja por falta de interesse”.



Tomásia Manuel
“Não há dinheiro”

“Não há dinheiro para fazer a festa. Antes, havia fartura e facturava-se muito. Ao longo do tempo, as dificuldades foram aparecendo e hoje quase ninguém tem condições de montar uma barraca. Bons tempos se foram”.



Augusta Afonso
“Perdeu a graça”

“Tenho 67 anos e cresci acompanhando as festas da Ilha. Lembro-me que, no decorrer da mesma, vendíamos produtos típicos dos ilhéus nas barracas que eram montadas de uma ponta a outra da praia. Para mim, as festas estão a perder a graça”.



Filipa Morais
“Bebedeira e confusão”

“Tirando os rituais que é a procissão marítima e a missa, quase tudo mudou. Hoje é só bebedeira e muita confusão. Nem é seguro permanecer por muito tempo na praia. Poucas pessoas participam dessa tradição”.

FOTOS | MARIA AUGUSTA

Doe Sangue Salve uma Vida

Faça Parte desta Causa!



INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE

GOVERNO DE
ANGOLA
MINISTÉRIO DA SAÚDE

A TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA FORMAÇÃO



QUALIFICAR, O NOVO APLICATIVO DA OFERTA FORMATIVA DO PAÍS

Consulta mais de 3000 cursos, em mais de 500 Instituições de Ensino e Formação, distribuídos por todas as Províncias do país.



SIMPLIFICA A ESCOLHA DE UM CURSO



INCLUI DIVERSOS NÍVEIS DE ENSINO E FORMAÇÃO

ESTÁS PREPARADO?

#DECIDEOTEUFUTURO

GRATUITO



GOVERNO DE **ANGOLA**
Unidade Técnica de Gestão do Plano Nacional de Formação de Quadros

qualificar.gov.ao



RECONHECIMENTO O BERÇO DO SURGIMENTO DE VÁRIOS BAIRROS

O Sambizanga é ponto de chegada e partida para o surgimento de outros bairros. É muito triste constatar a ausência desse reconhecimento da sua importância histórica no desenvolvimento da nossa cidade.



MERCADO DO XAMAVO UM FIM TRÁGICO

O desaparecimento de um cinto com dinheiro teria ditado o fim trágico do mercado. A Dona dos valores rogou bwé de pragas, que segundo as bocas do povo, teria dado origem à tragédia que destruiu o mercado, causando muitas mortes e muitos feridos.

EDIÇÕES NOVEMBRO

KOTA FRIKIKI



“Cazenga devia ser um bairro do Sambizanga por razões históricas”

Os distritos urbanos da Petrangol e da Mulemba são actualmente parte integrante do Município do Cazenga. José Narciso Arsénio Ferreira, também conhecido por Kota Frikiki, uma voz autorizada do Sambizanga, considera um “erro histórico” a actual divisão administrativa que engloba os distritos urbanos da Mulemba e da Petrangol no Município do Cazenga. “O Cazenga e o Rangel são filhos do Sambizanga. São os nativos do Sambizanga que deram origem os bairros do Cazenga e Rangel”, frisou.

António Pimenta

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Quais são as principais referências sobre o Sambizanga, em termos históricos e sociológicos?

Devido à sua importância histórica e mesmo sociológica, Sambizanga sempre foi considerado uma zona de importância estratégica. O ponto de partida e de chegada. Sambizanga congrega no seu seio angolanos de todas as origens, porque no seu movimento migratório para o grande centro de confluência, que é Luanda, tinham como paragem obrigatória o Sambizanga.

Qual é o significado de Sambizanga?

A palavra Sambizanga vem da junção Samba+ya Zanga. É uma palavra de origem kimbundu, os Axiluanas provenientes da Ilha de Luanda.

Pode explicar melhor essa história?

Por várias razões, naquele tempo, os ilhéus saíam da ilha e estabeleciam-se no Musseque do Bungo, que ficava ali onde é hoje o Caminho-de-Ferro de Luanda. Devido a esse movimento de pessoas surgiu o bairro Samba Kimungua, no sector do Miramar, que antecedeu o Musseque do Bungo. As pessoas que saíam da Ilha de Luanda paravam no Caminho-de-Ferro do Bungo ou Musseque do Bungo, como era chamado antigamente, para realizarem as trocas comerciais com outros povos, na sua maioria provenientes da Mulemba ya Xangola e dos Mulenvos, e

mesmo de outras partes do país como Marimba (Malange) e Ambaca (Cuanza-Norte). Outros vieram da Barra do Dande, dando origem aos Musseques Kicocas, Colégios, Katanga, Granja e Kimaxia. O movimento de pessoas provenientes da Barra do Dande deu também origem ao bairro da Mulemba ya Xangola. Das trocas comerciais que se faziam na altura surgiram os cruzamentos entre os da Mulemba ya Xangola e os Axiluanas.

As trocas comerciais deram origem ao cruzamento entre povos provenientes de várias zonas de Angola?

Sim, foi o que aconteceu com estas trocas comerciais. A Ilha sempre foi uma zona piscatória e com muito peixe, mercê das vantagens geográficas de que goza. Mas os seus povos precisavam de outros alimentos para a sua dieta alimentar. Precisavam da mandioca para fazer a farinha e também da farinha fina para fazer a farofa; a batata-doce e as vezes mesmo o milho para fazer canjica e o matete de milho. Todos esses condimentos, associados ao peixe, são considerados até aos dias que correm os principais pratos típicos dos Axiluanas. Então, havia necessidade de interacção com os povos do interior para conseguir os produtos de origem agrícola, que os adquiriam a troco do peixe, na praça do Cais.

Os casamentos eram feitos a pensar nas trocas comerciais?

Podemos dizer que essas se afirmavam

entre as principais razões. Era considerado altamente vantajoso uma mulher da Ilha casar com um camponês do Musseque. Representava, para qualquer um dos lados, um grande privilégio, com vantagens acrescidas nas trocas comerciais que deram lugar ao surgimento de vários mercados em Luanda, como do Mercado do Ferro.

Como era esse mercado e onde funcionou?

Este mercado estava situado no cais em frente ao local onde é hoje o Banco Nacional de Angola. À altura, existia nesse espaço um armazém, propriedade de um cidadão português chamado Portugal, que a par do negócio que fazia, era igualmente camionista. Ao lado havia a alfândega que encorajou o surgimento de outros mercados, como a praça da Xiquela.

Aonde?

A praça da Xiquela estava localizada na Samba, onde está hoje a Praça da Mabunda. Ali mesmo próximo existia uma salina do avô do nosso malgrado cantor Sofia Rosa. Na praça da Xiquela eram feitas também trocas comerciais com os povos provenientes dos Mulenvos. Tínhamos também o Musseque Baía, nos arredores do quilómetro 30. Toda a população que vivia à volta desses Musseques era na sua maioria camponesa que, depois de transformarem os seus produtos, faziam as trocas comerciais no mercado do Ferro e da Xiquela. Os moradores do Mussulo, da Cazanga (antiga ilha

dos Padres), eram os principais clientes destes mercados. Eles tinham abundância em termos de peixe, mas precisavam da mandioca e da farinha musseque para equilibrarem a sua dieta alimentar. Nas suas trocas interagiam com alguns agricultores dos Mulenvos e da Mulemba ya Xangola. Este movimento influenciou o surgimento do Bairro da Sapu e mais tarde o Morro Bento.

Há quanto tempo existe o Morro Bento?

O Morro Bento é o nome dos primeiros brancos que se instalaram naquela zona para exercer actividade comercial, com abertura de lojas. Mas foi do Samba Kimungua que surgiram bairros como o Marçal, a Ingombota, o Cemitério e muitos outros.

Como é que a Alfândega funcionava antigamente?

A Alfândega funcionava como uma espécie de estrutura administrativa do regime colonial

O mar estendia-se até onde é hoje o Banco Nacional de Angola?

A Praia da Moraia estendia-se do local onde é hoje o

Banco Nacional de Angola, passando pela capitania do Porto de Luanda, até onde é hoje a Sonils. Nesta zona, havia residências de pessoas provenientes da Ilha, a que chamavam o bairro da Boa-vista. Os Coqueiros identificavam as casas onde residiam os ilhéus, ao passo que os de Caxito eram identificados pelas palmeiras que tinham no quintal.

Os bairros de Luanda tiveram a sua origem no Samba Kimungua?

É a partir de Samba kimungua que as populações provenientes de outras zonas do País se foram expandindo. A união entre pessoas de origens diferentes deu surgimento a outros bairros como o do Santo Rosa, o Musseque Mota, que fica precisamente aqui onde estamos.

Naquele tempo já havia conflitos entre bairros?

As clivagens que havia eram mais no domínio do desporto e cultura. O Sambizanga sempre foi o bairro que albergou um maior número de clubes e grupos carnavalescos, por influência do estatuto que o consagrou como o ponto de chegada e par-



**MORRO BENTO
PRIMEIROS BRANCOS**

"O Morro Bento é o nome dos primeiros brancos que se instalaram naquela zona para exercer actividade comercial, com abertura de lojas. Mas foi do Samba Kimungua que surgiram bairros como o Marçal, a Ingombota, o Cemitério e muitos outros."



**FERNANDO MAYOMBOLA
FIGURAS EMBLEMÁTICAS
DE LUANDA**

"Fernando Mayombola era um elemento que naquele tempo já era muito temido por todos. Era um barrabás, e em presença dele ninguém dava um pio sem o seu consentimento. Nas farras, ele entrava sem pagar e levava bofetadas quem ousasse reclamar."

tida para o surgimento de outros bairros. É muito triste constatar a ausência desse reconhecimento da sua importância histórica no desenvolvimento da nossa cidade.

Mas há quem diga que havia os barrabás que causavam alguns distúrbios entre os bairros. Quem eram os barrabás?

Barrabás eram assim chamados os homens com grande porte físico ou caenches se preferirem. Naquele tempo muitos destes homens utilizavam matites (ligaduras) no antebraço para os identificar e ao mesmo tempo intimidar as suas vítimas nas grandes partidas de futebol ou nas farras que eram realizadas nos centros culturais. Nas festas, por exemplo, eles controlavam tudo à sua volta e quando chegassem tudo parava. As pessoas tremiam ao vê-los, devido aos seus excessos.

Há algum problema para o reconhecimento que o bairro merece?

Os problemas começam na sua divisão administrativa. A Petrangol e a Mulemba ya Xangola nunca pertenceram ao Município do Cazenga, como estabelece a actual divisão administrativa. Estas zonas não têm nada a ver com o Cazenga e ao serem taxadas como tal, estão a matar a nossa história, a nossa identidade e dignidade. A julgar pelo seu passado histórico, é o Cazenga que deve ser um bairro do Sambizanga e nunca o contrário. Por esta razão, penso que antes de fazerem a divisão administrativa, se não conhecem a história, as autoridades deviam antes consultar os moradores antigos, os velhos e outras figuras que conhecem o bairro. O Cazenga, o Rangel, são filhos do Sambizanga. São os nativos do Sambizanga que deram origem aos bairros do Cazenga e Rangel. O sector do Samba Kimungua era considerado o primeiro bairro e depois, com a sua expansão, nasceu o Marçal, a Ingombota e o Bairro Operário. Naquele tempo o Bairro Operário era chamado Musseque Burity e nasceu posteriormente o Musseque Braga, que funcionava entre o Codem, o Hospital Josina Machel e estendia-se até ao antigo Liceu Salvador Correia (Mutu ya Kevela). Toda esta zona era lavra de mandioca.

Falou de vários mercados sem qualquer referência ao Mercado do São Paulo, ainda não existia?

O Mercado de São Paulo surgiu em 1962, substituindo o mercado do Xamavo, destruído em 1948 pelas chuvas torrenciais que se abateram sobre a cidade de Luanda.

Muitos dizem que poderes sobrenaturais estiveram na origem do fim trágico do Xamavo?

O que eu sei é que o desaparecimento



JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

BIBLIOTECA Kota Frikiki conhece a génese dos bairros de Luanda

de um cinto com dinheiro, o que as velhas chamam "ponda", teria ditado o fim trágico do mercado. A Dona Domingas, uma senhora do Dondo, trazia com regularidade os seus produtos para venda no Mercado do Xamavo. Um dia, a senhora perdeu a "ponda". Desesperada com a perda da "ponda" e do dinheiro, a senhora começou a chorar e dizia em kimbundu: "Ne wa ngi bomgo oh ponda yami ya kitadi é é é é ... (quem apanhou a minha ponda com dinheiro)". Revoltada, a senhora regressou ao Dondo, rogando pragas que, segundo as bocas do povo, teriam dado origem à tragédia que destruiu o mercado do Xamavo, causando muitas mortes e muitos feridos. Xamavo foi o segundo, porque o primeiro funcionou próximo de uma escola do I, II e III níveis, atrás da loja do Santo Rosa. Ali havia uma floresta e a loja do Costa da Fuba, onde foi construído o segundo Xamavo.

Quem era o Costa da Fuba?

O Costa da Fuba era um comerciante considerado, na altura, como o rei da fuba. Era o comerciante que vendia a fuba mais limpa e onde os moradores do bairro do Sambizanga e também do Rangel corriam todos para comprar a fuba. Para além disso, Costa da Fuba foi também um grande assassino. No dia 4 de Fevereiro de 1961, Costa da Fuba foi um dos maiores assassinos do povo angolano.

No campo político, quais são as grandes figuras do Sambila?

O Sambizanga foi o que se pode considerar uma zona pródiga em figuras que deram o seu melhor para o renascimento de Angola como um Estado livre e soberano.

São disso exemplo o então Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, o comandante Bula, irmão do general Vunda, Mário Santiago, Afonso Van Dunen Mbinda, os manos Condes. O embaixador Brito Sozinho, os Fundas, o Nelito, irmão do Jinguma, integraram o grupo de elementos que, em 31 de Janeiro de 1963, empreenderam a fuga para o Congo-Brazzaville, com José Eduardo dos Santos. Mas entre estes, havia também os que nós chamávamos o grupo dos Maricas, denominação que era atribuída aos jovens estudantes que naquele tempo estavam já no quinto, sexto e sétimo ano. Eram os estudantes do liceu Salvador Correia, Liceu Paulo Dias de Novais, Colégio da Casa das Beiras, Colégio Dom João II e da Escola Comercial Vicente Ferreira.

Quais foram os principais centros culturais do Sambizanga?

No Sambizanga havia muitos centros de diversão como o Ginásio Futebol Clube, Kudissanga kwa Makamba, o Salão dos Anjos, o Braguês, o Sete Mil Metros, Mimi Show, Engraçadinhos, Estudantes, Berlas e Que Bela. Entre estes, o Ginásio, o Salão dos Anjos, o Kudissanga kwa Makamba e Que Bela, eram os que mais batiam.

O convívio nestes centros culturais era só para negros ou incluía outras raças?

Os negros eram a maioria, mas havia também os de outras raças.

Todos do Sambizanga?

Toda a fina-flor dos Kaluanda se cruzava nestes centros culturais. Rangel, Prenda, Marçal, Bairro

Cemitério, reuniam-se todos nestes locais para lazer e também fazer política. Até os Barreirenses da Barra do Dande vinham para as farras em Luanda. No Bairro Operário havia o Caribala, onde eram organizadas as farras mais antigas de Luanda. Depois começaram a surgir os Bangus, já nos anos 60.

Falou de figuras emblemáticas da cidade de Luanda que, se bem me lembro, se notabilizaram por razões menos boas. Cito aqui os casos de Luís Cafrique, Fernando Mayombola.... Pode fazer uma breve abordagem sobre o que foi a vida destas personalidades?

O Fernando Mayombola era um elemento que naquele tempo já era muito temido por todos. Era um barrabás, e em presença dele ninguém dava um pio sem o seu consentimento. Nas farras, ele entrava sem pagar e levava bofetadas quem ousasse reclamar. Às vezes era só tentar e estavas automaticamente no ar, em queda livre para o chão. Por esta razão, ninguém, mas ninguém mesmo, queria ter problemas com Fernando Mayombola. Depois do Fernando, havia também o Chico 90, seu irmão, mas esse era mais hábil no uso de armas brancas, como navalhas.

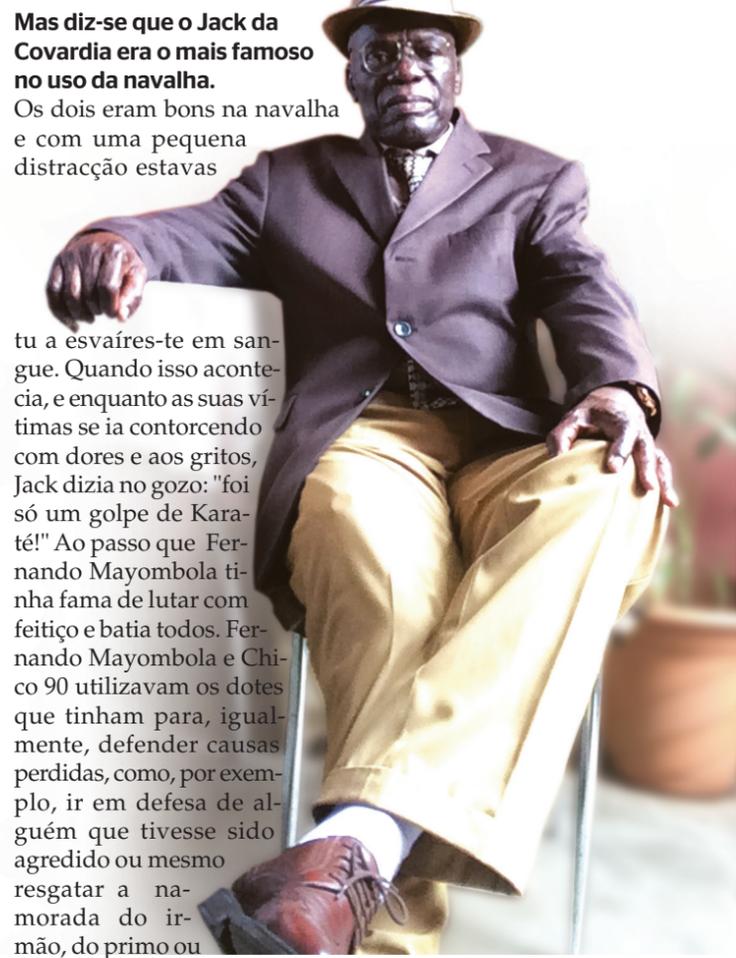
Mas diz-se que o Jack da Covardia era o mais famoso no uso da navalha.

Os dois eram bons na navalha e com uma pequena distração estavas

amigo que tivesse sido desarmado por alguém.

E o Luís Cafrique?

Luís Cafrique era mais clássico. Era um bandido fino, defensor de causas nobres. Usava a bandagem para se rebelar contra as autoridades coloniais, que eram sempre as suas principais vítimas. Por este motivo, o Luís tinha sempre a PIDE e a PSP no seu encaço. Até nas farras dos centros culturais ele era procurado. Ajudado pela nossa magia negra, ele operava como um mágico. Chegava a aparecer diante dos polícias a espalhar umas galhetas e desaparecia de forma misteriosa. Luís Cafrique, o Zé da Minga, Fernando Mayombola, Chico da Bia e João Chingongo eram os grandes barrabás do Rangel que, à sua maneira, deram o seu contributo para a luta da Independência. Tanto é assim que, depois do 25 de Abril de 1974, muitos destes elementos foram enquadrados em instituições militares. Fernando Mayombola, os Cautyto Uito, e outros, serviram a Polícia Nacional. Muitos outros subdividiram-se entre o MPLA, a FNLA e a UNITA. Com as guerras, muitos acabaram por desaparecer, mas existem também os que continuam vivos.





NERIKA FERREIRA CONDENADA A 17 ANOS

Nerika Ferreira matou o marido Lopo Furtunato da Silva Pereira Loureiro, mais conhecido por "Loló", com vários golpes. O crime ocorreu no Projecto Nova Vida e a suspeita acabou por ser condenada a 17 anos de prisão. A família da vítima considerou a pena leve demais, porque, na sua opinião, Nerika havia premeditado o crime.



INCORFORMADO GILDO MATA NKRUMA LOPES

Gildo, inconformado com a separação, tentou reconciliar-se com a esposa Vilma Cerqueira, mas sem sucesso. Ao tomar conhecimento de uma suposta relação com um colega de trabalho, Gildo decide matá-los. No dia 24 de Outubro, surpreendeu os dois e disparou contra Nkruma Lopes e Vilma. Depois suicidou-se.

Crimes que marcaram Luanda

1 DE ABRIL DE 2010 NERIKA ASSASSINA O MARIDO

Num dia dedicado mundialmente às mentiras, Luanda acordava assombrada com o relato do assassinato, pela esposa Nerika Pires Ferreira, do jovem Lopo Fortunato da Silva Pereira Loureiro, mais conhecido por "Loló". O crime ocorreu no Projecto Nova Vida e a suspeita acabou por ser condenada a 17 anos de prisão.

24 DE OUTUBRO DE 2014 ATIRA NA ESPOSA E SUICIDA-SE

Um jovem identificado apenas por Gildo, tomado por ciúmes, disparou contra a esposa e o suposto amante e depois suicidou-se. Vilma Cerqueira estaria a ter uma suposta relação íntima com um colega de trabalho de nome Nkruma Lopes. Ao tomar conhecimento dessa suposta relação, Gildo passou a rondar o prédio onde vivia o seu "rival" nos Combatentes. No dia 24 de Outubro, Gildo surpreendeu os dois no local e, sem rodeios, disparou contra Nkruma Lopes, que teve morte imediata, e Vilma, que ficou gravemente ferida. E depois suicidou-se.

AGOSTO DE 2015 NAMORADA CORTA O PÊNIS POR CIUME

Nilton João Domingos, 24 anos, foi morto pela namorada com quem mantinha uma relação de seis meses. O crime aconteceu no bairro Cassenda, quando a namorada cortou o pénis da vítima por ciúmes.

18 DE ABRIL DE 2017 ATEIA FOGO À RESIDÊNCIA

Um indivíduo chamado César ateou fogo a residência que dividia com a sua esposa, por suposta traição. O incêndio vitimou a mulher, de 22 anos, a filha, de um, e duas cunhadas de 20 e 25 anos. César alegou que, durante o acto sexual, a esposa citava o nome do seu suposto amante, vezes sem conta.

ASSASSINATO DE CÔNJUGES EM LUANDA



TRAGÉDIA Advogada Carolina de Sousa foi morta pelo seu marido, aquele que jurou, há dois anos, ama-la e protegê-la eternamente

Uma cidade assombrada por crimes passionais

É preciso que todas as mulheres tenham o costume de denunciar os actos de violência de que são vítimas, para que estes não voltem a repetir-se

Domingos dos Santos
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Os crimes passionais têm chamado a atenção da sociedade luandense, surpreendida há duas semanas com o assassinato da advogada Carolina de Sousa, 26 anos, morta e colocada na fossa séptica de sua casa no Zango, supostamente pelo marido.

Ainda não refeitos do choque da morte da advogada, Luanda registava mais um caso de violência contra a mulher, em que foi vítima Lindinaura Santos, 25 anos, golpeada com objecto cortante no pescoço e nos braços pelo pai das suas duas filhas, identificado apenas por Walter.

O caso ocorreu na Vila Alice, quando a vítima regressava do serviço, acompanhada de um colega que lhe dera boleia. "Quando chegámos, ele estava parado no portão. Então pedi à pessoa que me deu boleia para ir embora. Ele (marido) perguntou quem era a pessoa que me acompanhava e naquele exacto momento começou a golpear-me com um objecto cortante no pescoço e nos braços. Abri o portão e pedi socorro à minha mãe. Depois disso, atacou também a pessoa

que me acompanhava", contou a vítima, em declarações à Televisão Pública de Angola (TPA).

Nas redes sociais, Lindinaura Santos deixou um emocionante depoimento, onde conta que conhece o pai das filhas há 9 anos. No princípio, explica, a relação "era uma coisa linda", mas, com o passar do tempo, começou a mudar para pior.

"Primeiro, ele me batia, mas nunca liguei porque eu começava com ofensas e ele me punia", revelou.

Durante o tempo de namoro com Lindinaura Santos, Walter contraiu matrimónio com outra jovem. Mas "Fofa", como também é conhecida Lindinaura, insistiu na relação "por amá-lo muito e não o querer perder". Depois

de algum tempo, ficou grávida da primeira filha, com esperança de o companheiro mudar de comportamento, mas tal não aconteceu.

"Quando a minha primeira filha fez um ano, descobri que estava grávida da segunda e parece que os problemas só aumentavam. Várias mulheres mandavam mensagens a perguntar quem eu era na vida dele; umas diziam ser namoradas, outras eram noivas. Mas sempre que tentava deixar-lhe, não conseguia. Ele fazia promessas e eu sempre acreditava", recordou.

As coisas iam de mal a pior. Walter, refere Lindinaura Santos no seu depoimento nas redes sociais, "tornou-se um maníaco", na medida em que a seguia para onde fosse. "Sabia sempre onde eu estava e com quem estava", disse.

Nas redes sociais, Lindinaura deixou um emocionante depoimento, onde conta que conhece o pai das filhas há 9 anos. No princípio, explica, a relação "era uma coisa linda", mas, com o passar do tempo, começou a mudar para pior. "Primeiro, ele me batia, mas nunca liguei porque eu começava com ofensas e ele me punia", revela.

A situação agravou-se até ao dia em que foi esfaqueada e só não perdeu a vida por sorte. "Nesse momento, estou numa cama de hospital a lutar pela minha vida. Saí com um amigo e quando cheguei a casa da minha mãe, ele estava à minha espera. Cortou-me o pescoço e os braços. Se não me tivessem socorrido a tempo, estaria num caixão nesse momento. Mesmo depois disso ele diz que ainda não acabou, que se eu não morri, ele vai matar-me quando sair da cadeia. Minha situação requer muitos cuidados. Não posso receber visitas, porque não posso falar e o mínimo esforço pode piorar a minha situação", referiu. No final, Lindinaura Santos exortou todas as mulheres vítimas de agressão conjugal a denunciarem os actos de violência, para que casos como o dela não se voltem a repetir.

"A minha história é igual à de muitas mulheres nesse Mundo. Muitas não tiveram a mesma sorte que eu tive, ao ser socorrida a tempo. Infelizmente, essa é a realidade de muitas namoradas, noivas e esposas. Se ele bateu a primeira vez e você deixou, acredita que ele vai bater mais e mais, até não ter mais onde bater e acabar com a tua vida. Diga não a todo o tipo de violência", aconselhou.



JOSÉ NKILUCISSA INÚMEROS PROJECTOS

“Temos em agenda uma série de projectos, tais como plantação de árvores em várias localidades de Luanda. Tencionamos realizar este trabalho com crianças para ensiná-los a proteger a natureza. Vamos trabalhar, igualmente, na reciclagem de resíduos sólidos”.



COMBATE AO LIXO AMBIENTE SADIO

A realização de campanhas de limpeza nos bairros de Luanda consta do plano de actividades da associação Jucarente. Nesta vertente, vem sempre à memória a primeira campanha de limpeza na zona envolvente do campo do Felício, no Distrito Urbano da Maianga.

PROJECTO JUVENIL

Manuela Mateus
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Há anos que a Jucarente é definida pelos próprios membros como um grupo de acção vocacionado para a procura de soluções dos problemas sociais, morais e cívicos que afectam crianças, jovens e idosos. Por força das acções que desenvolve, ostenta desde 2011 um diploma de mérito atribuído pelo Governo da Província, na época sob gestão do governador José Maria dos Santos.

O seu presidente, José Nkilucissa, conta que a iniciativa da criação da associação partiu de um grupo de jovens residentes no bairro Cassenda. A carência alimentar, de vestuário e o deficiente saneamento básico que muitas famílias enfrentam, todos os dias, levou-os a fazer algo para ajudar. Foi assim que, segundo José Nkilucissa, optaram por promover doações de bens alimentares, roupas e calçados. Aliado a isso, o projecto juvenil realiza campanhas de limpeza nos bairros da província de Luanda.

“Passados 15 anos, ainda me vem à memória a primeira campanha de limpeza que realizámos no distrito da Maianga. O bairro Cassenda, por exemplo, apresentava alguns focos de lixo, fossas entupidas e, então, decidimos agir. Pegamos em pás, vassouras e baldes, para dar outra imagem ao bairro, sobretudo na zona envolvente do campo do Felício”, recorda.

Decorrida uma década e meia, José Nkilucissa afirma que a Jucarente aposta em projectos mais concisos na visão daquilo que o Estado devia fazer em benefício do povo. Acrescentou que tem interesse em fazer parceiras ou colaborar com instituições do Estado e outros segmentos da sociedade.

“A nossa associação também implementa projectos noutras províncias de Angola. Em Luanda, especificamente, durante o presente ano, a Jucarente construiu quadras desportivas, doou medicamentos e materiais gastáveis aos hospitais”, disse.

Além de incluir os hospitais Josina Machel, Sanatório de Luanda, Geral e Neves Bendinha entre os beneficiários dos apoios, disse que a Jucarente realizou, também, palestras sobre vários temas sociais e sensibilizou a juventude para o uso de preservativos.

José Nkilucissa disse que, graças ao contributo de parceiros e os apoios institucionais, tem sido possível realizar as actividades com bastante sucesso. O grupo de jovens da associação, disse, tem trabalhado em vários sectores da sociedade. Programas culturais, que incluem teatro, dança, literatura e concurso de beleza, são organizados com relativa frequência.

No sector da saúde, a Jucarente é parceira da Rede Angolana das Or-



FOTOS CEDIDAS

Associação Jucarente promove solidariedade

Criada a 23 de Maio de 2003, por iniciativa de um grupo de jovens do bairro Cassenda, Distrito Urbano da Maianga, município de Luanda, 18 anos depois a Associação Juvenil de Apoio aos Jovens Carentes (Jucarente) mantém vivo o seu propósito

ganizações e Serviços da Sida (ANASO), no combate ao VIH-Sida, bem como no saneamento básico, para manter a saúde e a higiene das comunidades. Por outro lado, o presidente da associação adiantou que pretende dar especial atenção às crianças.

“Em alusão aos dias internacionalmente consagrados ao Voluntariado e aos Direitos Humanos, que se assinalam neste mês de Dezembro, vamos trabalhar com crianças e adolescentes da comunidade de Cabo Ledo, com idades entre um e 16 anos”, informou, acrescentando que há duas semanas visitou a comuna e constatou um nível elevado de precariedade.

José Nkilucissa considerou que a comunidade de Cabo Ledo, município da Quiçama, não dispõe de centro médico e, por esta razão, a associação criou condições para promover uma feira da saúde gratuita local.

“Preparámos 50 caixas de medicamentos diversos, materiais gastáveis, testes rápidos para malária e gravidez. Vamos levar médicos, enfermeiros e pessoal de apoio. Em suma, vamos levar um hospital até Cabo Ledo”, garantiu.



AGENDA DE TAREFAS PREENCHIDA

O presidente da Jucarente afirmou que para o ano de 2019 a agenda de tarefas da associação está preenchida e apontou como prioridade as crianças, idosos e todas as pessoas em situação de vulnerabilidade.

“Temos em agenda uma série de projectos, tais como plantação de árvores em várias localidades de Luanda. Tencionamos realizar este trabalho com crianças para ensiná-las a proteger a natureza. Vamos trabalhar, igualmente, na reciclagem de resíduos sólidos e realizar um torneio de futebol infanto-juvenil”, disse.

Em termos de satisfação, José Nkilucissa disse que, em prol da sociedade, a Jucarente pretende continuar a distribuir medicamentos e outros bens de primeira necessidade às comunidades carentes.

“Temos em perspectiva a criação de núcleos comunitários para apoiar as comunidades na solução de questões ligadas ao saneamento básico. Para contribuir na melhoria do meio ambiente, vamos sensibilizar a população, com recurso a placas de proibição, para que deixe de depositar o lixo em locais impróprios”, concluiu. **MM**

SEJA UM BOM CIDADÃO MANTER A CIDADE LIMPA É FIXE

Não atire papéis, latas, garrafas, plásticos e outros objectos para o chão nem os deite fora pela janela das viaturas.



Deite o lixo sempre num contentor, dentro de um saco fechado.



O lixo que não é colocado no local correcto pode contribuir para disseminar muitas doenças, como paludismo, febre tifóide e diarreia



CONTRIBUA PARA FAZER DE LUANDA UM LUGAR MELHOR PARA SE VIVER.

elisal

Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda

CAMPANHA ESPECIAL DE NATAL E ANO NOVO

2 ANÚNCIOS AO PREÇO DE 1

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 31/12/2018

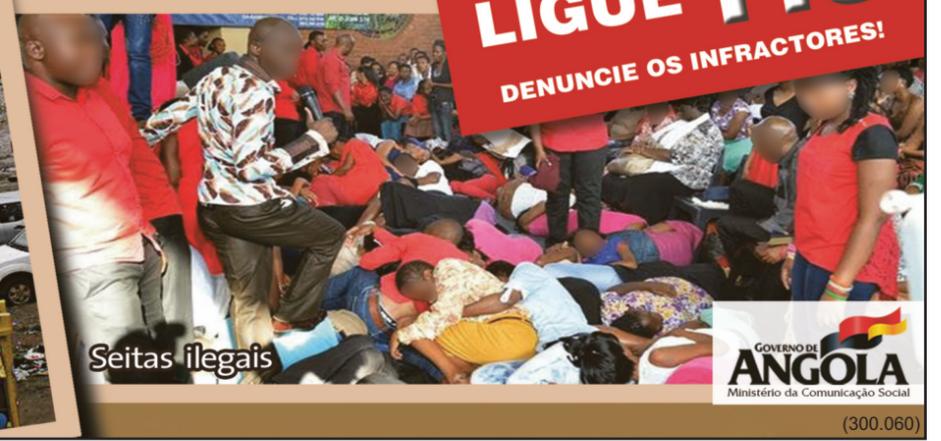
926 406 929 | 925 134 301 | 923 409 613
 publicidade@jornaldeangola.com
 edicoesnovembro.co.ao

Jornal de Angola | **Jornal Desportos** | **Economia & Finanças** | **Cultura** | **LUANDA** | **VENTOS DO SUL** | **PLANALTO**

* Oferta sujeita à disponibilidade dos jornais

CHEGA DE DESORDEM! JUNTOS, APOIEMOS A "OPERAÇÃO RESGATE"

O bom cidadão cumpre as suas obrigações sociais e respeita a autoridade do Estado.



LIGUE 113
DENUNCIE OS INFRACTORES!



CONDOMÍNIO PELICANO OBSTRUÇÃO À PASSAGEM DA ÁGUA PROVOCA O RETORNO

O presidente de gestão do Pelicano declarou que obstrução da passagem da água provoca o retorno desta e, diante de enxurradas, algumas residências do condomínio não escapam às inundações. Ele defende a demolição das residências construídas ao longo da vala.



BAIRRO MUTEMBA INUNDAÇÕES CAUSAM PROLIFERAÇÃO DE MOSQUITOS

Segundo os moradores, o bairro Mutemba teve um crescimento exponencial de habitantes que, entretanto, não foi acompanhado de equipamentos sociais. Não são apenas as inundações que tiram o sono aos moradores, a proliferação de mosquito é outro dos problemas que enfrentam.

DISTRITO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Construções na linha de água criam embaraços à circulação

Desde 2011 que os moradores dos bairros Mutemba e Vila Kiaxi, no distrito urbano da Cidade Universitária, município de Talatona, enfrentam um problema que tarda a ser solucionado, em definitivo. Devido à construção de habitações ao longo da vala, algumas vias ficaram inundadas o que leva pessoas e viaturas a ter de enfrentar embaraços para seguir o seu percurso diário

Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A pesar do esforço feito, Álvaro Manuel não conseguiu disfarçar o mal-estar quando o abordámos para falar do pântano que se formou próximo à vedação do condomínio Pelicano e que tem dificultado a circulação de pessoas e viaturas entre os bairros Mutemba e Vila Kiaxi, no distrito urbano da Cidade Universitária.

O moto-taxista lamentou o embaraço que ele e os colegas enfrentam para trabalhar. Com o ponto obrigatório de paragem na estrada principal do Camama, sente desconforto quando tem de transportar residentes do bairro Vila Kiaxi. A razão é simples. Um troço da ligação dos dois bairros, segundo explicou, foi invadido pela água proveniente da vala, por esta ter ficado obstruída por construções anárquicas. Álvaro Manuel reconheceu que o problema não se coloca no cacimbo, ao contrário da estação de chuva.

“O nosso maior problema é a água que fica estagnada nas imediações do muro de vedação do condomínio Pelicano. É uma sujeira muito grande o que acontece e não se devia permitir situações como essas”, disse.

Quem tem compromissos laborais às primeiras horas do dia é que mais sente as consequências das construções em cima da linha da água e da vegetação espontânea que tomou conta do local.

Ondina Agostinho, 36 anos, fixou morada na Vila Kiaxi há oito anos. Quando chegou ao bairro, era possível circu-

lar de carro sem constrangimentos. Agora, apenas os camiões e alguns motoristas “aventureiros” arriscam a fazê-lo junto ao apelidado “pântano da reviravolta”.

A moradora explicou que muito já foi feito para inverter a situação, mas sem sucesso. As diligências feitas pela comissão de moradores do Mutemba, junto das autoridades municipais, redundaram em fracasso.

“Cada ano as coisas pioram no bairro. É a nossa dor de cabeça, parece azar, não é fácil passar por isto”, lamentou, ao mesmo tempo que apontava em direcção à água suja que privou os moradores de uma via crucial.

De uma forma geral, circular de carro ou de motorizada entre os bairros Mutemba e Vila Kiaxi não é um exercício recomendável. Pior é quando chove. A estrada de terra ba-

ADALBERTO CEITA | EDIÇÕES NOVEMBRO





NEGLIGÊNCIA MUNICÍPIES APONTAM O DEDO À FISCALIZAÇÃO

Para alguns munícipes residentes no Distrito Urbano da Cidade Universitária e não só, resta apontar o dedo acusador aos serviços de fiscalização, quando o território estava sob administração do município do Kilamba Kiaxi.



ÁLVARO MANUEL INTERROMPIDA A LIGAÇÃO ENTRE BAIRROS

"Eu e os meus colegas enfrentamos muitos embaraços para trabalhar quando somos solicitados por passageiros que residem no bairro Vila Kiaxi. Uma importante via do trajecto de ligação dos dois bairros foi invadido pela água proveniente da vala, cujo traçado foi obstruído por construções anárquicas".

tida e águas estagnadas ao longo da via assumem o papel de "inimigos" dos automobilistas. Para agravar o problema, o excesso de areia ao longo do caminho dificulta a mobilidade. Na maior parte das vezes, os automobilistas são obrigados a procurar alternativas para evitar que as viaturas fiquem "presas" no caminho.

do empreiteiro na fase de construção do condomínio e, por desconhecimento, eu e alguns moradores entrámos em desavença com os seus gestores. Hoje, o foco do problema está visível", reconheceu.

Dissipadas as dúvidas, resta-lhe apontar o dedo acusador à ineficácia dos serviços de fiscalização, quando o território estava sob administração do município do Kilamba Kiaxi. Para ele, o facto de haver construções por cima da vala revela que as autoridades foram negligentes.

"Não são só as inundações. Aqui, a proliferação de mosquitos está demais, o que se vê é uma ameaça à saúde pública e um risco permanente de vida", disse Manuel Catumbo, acrescentando que é urgente a desobstrução da vala de drenagem.

Adão Bambi, também morador do Mutemba, realçou que o bairro teve um rápido crescimento de habitantes que, entretanto, não esteve em sintonia com os equipamentos sociais. Embora aponte a escassez de infra-estruturas, Adão Bambi considerou a água que desagua desordenadamente no bairro como o verdadeiro "tormento" dos moradores. O ponto de interceptação junto ao condomínio Pelicano é apenas um exemplo.

Com a voz rouca pela gripe que o apoquentava, afirmou que vive no local desde 2009. Admite que o bairro nunca beneficiou de um sistema de escoamento eficiente de águas residuais e pluviais, e nem por isso se recorda da existência de lagoas ou pântanos como acontece agora.

Quem tem compromissos laborais às primeiras horas da manhã é que mais sente as consequências das construções em cima da linha da água e da vegetação que tomou conta do local.

FISCALIZAÇÃO INEFICIENTE

Manuel Catumbo, residente no bairro Mutemba, próximo do foco do problema, chegou a maldizer o condomínio Pelicano. Admite, entretanto, que desconhecia a causa do problema.

"Julgava que tivesse havido má-fé

IRRESPONSABILIDADE

O PRESIDENTE DA COMISSÃO GESTORA

do condomínio Pelicano, Serafim Seculo, reconheceu que o problema existe há anos e foi causado pela irresponsabilidade das pessoas que ergueram habitações junto à vala de drenagem, obstruindo-a. O gestor afirmou que o assunto é do conhecimento do Governo Provincial de Luanda (GPL), instituição a que endereçaram cartas a dar conta da ocorrência.

"Já escrevemos ao GPL e, inclusive, dada a gravidade do problema, havia sido criada uma comissão encabeçada pela então anterior administradora municipal de Talatona, Ana Bezerra", disse.

Serafim Seculo explicou que o traçado da vala, muito provavelmente tem origem nas imediações do Estádio 11 de Novembro, na Via Expresso, atravessa o "coração" do distrito e segue em direcção ao bairro Calemba 2. Acrescentou que, antevendo o problema, na fase de construção do condomínio, na parte externa ao lado oposto à zona afectada, a empreiteira teve o cuidado de construir uma bacia de retenção de água.

"Como sabíamos da afluência das águas, preservámos o traçado da vala, ou seja, ela foi incluída no projecto", disse. Esta foi a melhor opção para acautelar a preservação do complexo habitacional, indicou.

Além de acusar de má-fé os moradores do bairro Mutemba que tiveram a ousadia de construir por cima da linha de água, Serafim Seculo referiu que, mais grave, foi terem desviado, inclusive, o seu curso natural. Acrescentou que a obstrução da passagem tem provocado o retorno da água e, quando há enxurradas, algumas residências do condomínio não escapam às inundações.



GESTOR Serafim Seculo afasta responsabilidade

"Se o ramal não estivesse obstruído na parte Norte, as águas seguiriam o curso normal em direcção ao Calemba 2", afirmou.

Serafim Seculo apontou a demolição das residências ao longo da vala como parte da solução do problema.

"Sofremos constantemente com as inundações, sobretudo na época chuvosa. Trata-se de um caso cuja solução ultrapassa a nossa competência e pensamos que somente as autoridades governamentais podem solucionar", declarou.

AC

PONTE PROVISÓRIA REDUZ EMBARAÇOS

O ADMINISTRADOR DO DISTRITO urbano da Cidade Universitária, Antunes Huambo, afirmou que, para fazer face ao problema, a instituição, em parceria com uma empresa privada, montou uma ponte provisória numa das passagens que liga os bairros Mutemba e Vila Kiaxi. Adiantou que está prevista a montagem de uma ligação maior noutro ponto.

O administrador esclareceu que as construções anárquicas que travam o curso da água da vala entre os dois bairros, foram realizadas em 2008, numa época em que ambos estavam sob tutela do município do Kilamba Kiaxi. Porém, antes de integrar o município de Talatona, os dois bairros estiveram, igualmente, adstritos ao município de Belas, por força da divisão política e administrativa de 2011. Antunes Huambo revelou que há 89 habitações naquelas condições.

"Essas construções não obedeceram a uma orientação técnica das autoridades e muito menos têm enquadramento no plano urbanístico do município. São obras desprovidas de licença de construção", garantiu o administrador. Na época chuvosa, as inundações embaraçam de

forma gravosa a mobilidade, provocam danos às residências e perigam a saúde dos moradores.

Além de referir que a administração está a mitigar o impacto dos efeitos da chuva com o desassoreamento das zonas ribeirinhas,

Antunes Huambo isentou de culpas os anteriores gestores municipais, pois a população, mesmo avisada, insistiu à revelia em construir em áreas de risco.

Acrescentou que a Cidade Universitária, à semelhança de outros distritos urbanos, não dispõe de estatuto orgânico. Limita-se apenas a identificar os problemas e emitir um parecer técnico, para posterior encaminhamento ao órgão com competência para executar as políticas públicas.

"Estão à vista as consequências das construções anárquicas, mas enquanto autoridade estamos a mitigar o seu impacto. O assunto é do conhecimento do município de Talatona e do Governo da Província. Não vamos agora procurar culpados e, sim, resolver o problema, que deve passar por um cadastramento e possível realojamento dos moradores", disse.



AC

ALTERNATIVA Uma ponte provisória foi erguida pela administração distrital

ANUNCIE NAS NOSSAS PUBLICAÇÕES



SEDE:

Edições Novembro, E.P.
 Rua Rainha Ginga, 12-26 Caixa Postal 1312 Luanda Telefone (PBX): +244 222 036578 | +244 222 036579 |
 Móvel 949 770006 Telegramas: Proangola
 www.edicoesnovembro.co.ao

PUBLICIDADE

Telefones: 926 406 929 / 925 134 301 / 923 409 613, e-mail: publicidade@jornaldeangola.com

HORÁRIO DE ATENDIMENTO

SEGUNDA A SEXTA-FEIRA DAS 8H ÀS 18H
 SÁBADO, DOMINGO E FERIADOS: DAS 9H ÀS 14H



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela imprensa

*CUIDAR BEM DOS COMBOIOS
É CUIDAR DE UM BEM QUE TAMBÉM É SEU.*



**NÃO DESTRUA O
QUE É DE TODOS!**
Cuide bem dos comboios.

O Caminho de Ferro de Luanda está a ser modernizado com novas estações, locomotivas mais rápidas e carruagens mais confortáveis. Actualmente, milhares de passageiros já utilizam o comboio para deslocar-se ao trabalho, visitar familiares ou divertir-se com os amigos. Infelizmente, actos de vandalismo estão a destruir este bem público, provocando avarias e sujeiras nas carruagens e também nas estações e via férrea. O comboio é o meio de transporte mais seguro, confortável e acessível a todas as camadas da população. Por isso, não destrua o que é de todos. Cuide bem dos comboios.



TESTE

Desafio

1 - O **gesso** é um mineral aglomerante produzido a partir do aquecimento da gipsita, um mineral abundante na natureza, e posterior redução a pó do mesmo. É composto principalmente por sulfato de cálcio hidratado. Qual é a sua fórmula química?

- A - 2H3O
- B - CaCO3
- C - CaSO4·2H2O
- D - H3O

2 - O **binóculo** é um instrumento de óptica, com lentes, que possibilitam um grande alcance da visão. É composto por um par de tubos, interligados por um sistema articulado. O primeiro binóculo foi criado em 1608 por...

- A - D'Orleans Cherubin
- B - Dobler de Berlim
- C - Hans Lippershey
- D - Gnatio Porro

3- A invenção da **vassoura**, como a conhecemos, deu-se quando Levi Dickenson, um agricultor de Hadley, em Massachusetts, inventou uma vassoura de sorgo para a sua esposa. Em que ano ocorreu?

- 1 - 1797
- 2 - 1954
- 3 - 1983
- 4 - 1899

RESPOSTAS

Desafio:

1 - C - CaSO4·2H2O.

2 - C - Hans Lippershey.

3 - 1 - 1797.

Palavras Cruzadas

Horizontais

- 1- NGONGUEMBO. 9- VENCE. 10- IRA.
- 11- EGUA. 13- RUMO. 15- NA. 16- SAUNA.
- 19- IR. 20- CONSERVA. 22- AIA. 24- ORA.
- 26- TIMORATO. 30- ME. 31- APURA. 32- MI.
- 33- AMAR. 35- CRER. 37- BIT. 39- CHITA.
- 40- ESCAVADORA.

Verticais

- 1- NEGA. 2- GNU. 3- OCASO. 4- NE.
- 5- UI. 6- ERRAR. 7- MAU. 8- OPOR.
- 9- VENIA. 12- BUS. 14- MIAR.
- 17- ANGOP. 18- NEVAR. 20- CAI.
- 21- VOO. 23- ITEM. 25- ATIRA.
- 27- MARIA. 28- RUA. 29- TACHO.
- 30- MATE. 32- META. 34- ABC.
- 36- RIR. 38- TV. 39- CD.

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



Mediateca de Luanda

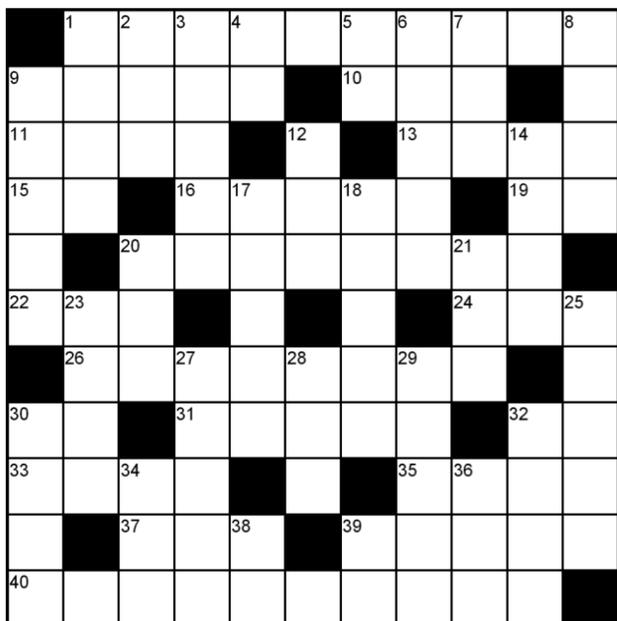
A Mediateca de Luanda encontra-se localizada num espaço privilegiado, que torna o seu acesso rápido de qualquer ponto da cidade.

O terreno sobre o qual se situará o edifício corresponde à parcela localizada numa urbanização no interior de Luanda e é delimitado pela avenida Deolinda Rodrigues, rua 1º de Agosto e a avenida Ho Chi Minh, numa zona nas imediações do Aeroporto 4 de Fevereiro. O acesso principal ao edifício localiza-se na fachada norte, em frente à praça criada a sul do polidesportivo

existente. Além disso, existe um acesso secundário situado na fachada sul destinada ao pessoal da mediateca e à entrada e saída de materiais. As zonas públicas e privadas (internas) encontram-se perfeitamente delimitadas e cotadas, realizando-se as ligações precisas sem provocar a interrupção ou interferência das diferentes circulações: pública, privada, mercadorias, acontecimentos "fora de horas" de abertura da mediateca, crianças e adultos. Desta forma, toda a parte pública do programa encontra-se voltada para a praça de acesso (na fachada

norte), relegando a zona mais privada para a fachada sul, mais "escondida". O projecto foi concebido sob a ideia sempre presente de "protecção" e "sombra" tanto da água como do sol. Assim, o edifício apresenta-se como um "grande contentor do conhecimento" composto por um "contentor" formado por uma fechadura que o protege e isola e uma "caixa do conhecimento", perfurada no seu interior por pátios que atravessam a altura do edifício e que contém e alberga as distintas partes do programa do projecto (no nosso caso "o conhecimento").

Palavras Cruzadas



Horizontais

- 1- Município da província do Cuanza Norte. 9- Ganha. 10- Raiva.
- 11- Fêmea do cavalo. 13- Destino.
- 15- Sódio (símbolo químico).
- 16- Banho de vapor, de origem finlandesa.
- 19- Caminhar para lá.
- 20- Substância alimentícia preparada de modo que possa durar sem deterioração.
- 22- Camareira. 24- Reza. 26- Timido.
- 30- A mim. 31- Aperfeiçoa.
- 32- Terceira nota musical.
- 33- Gostar muito.
- 35- Acreditar. 37- A menor unidade de informação presente num sistema digital. 39- O mamífero terrestre mais rápido do mundo em curtas distâncias (guepardo, no Brasil). 40- Máquina com que se fazem escavações.
- 53- Alternativa.

Verticais

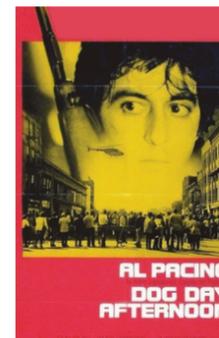
- 1- Recusa. 2- Mamífero herbívoro do Sudoeste africano que se desloca geralmente em grandes manadas, também conhecido por boi-cavalo.
- 3- O pôr do sol, poente. 4- Símbolo de nordeste. 5- Interjeição designativa de dor. 6- Enganar-se. 7- Perverso.
- 8- Confrontar. 9- Cortesia que se faz com a cabeça ao passar por alguém.
- 12- Autocarro. 14- Dar miós.
- 17- A agência de notícias oficial de Angola. 18- Cair neve. 20- Tomba.
- 21- Meio e modo de locomoção através do ar. 23- Parcela. 25- Lança com força.
- 27- Mãe de Jesus. 28- Caminho numa povoação. 29- Vaso largo e pouco fundo, geralmente com asas, destinado a usos culinários. 30- Sem brilho.
- 32- Alvo (figurado).
- 34- Abecedário.
- 36- Assumir expressão alegre.
- 38- Televisão. 39- Compact Disc.

Cinema

CINEMAX / Kilamba

Semana: 07 a 13 de Dez

- Título: **Dias de Cão**
Sala (VIP)
- Género: Comédia familiar
- Sessões: 14h00/ 16h30 /19h00/21h30*



- Título: **Engenheiros Mortíferos 3D**
- Género: Acção, Aventura (sala 4)
- Sessão: 13h10/15h50 /18h40/21h20



- Título: **Força Ralph: Ralph vs Internet VP 3D**
(sala 1)
- Género: Animação
- Sessão: 13h20/15h40/18h00

- Título: **Belleville Cop: O Super Agente**
(sala 1)
- Género: Acção, Comédia
- Sessões: 20h20/22h50 (1)

- Título: **Grinch VP**
(Inclui Curta-Metragem 'Mínimos em Fuga')
(sala 2)
- Género: Animação
- Sessões: 13h00/15h00/17h00

- Título: **Venom**
- Género: Acção (sala 2)
- Sessões: 19h00/21h30

- Título: **Viúvas**
(sala 3)
- Género: Aventura, Fantasia
- Sessões: 13h00/ 15h40/18h20 /21h00/23h40 (1)

- Título: **Robin Hood**
(sala 4)
- Género: Fantasia, Aventura
- Sessões: 13h30/16h00/18h30 /21h00/23h30 (1)



(1) Apenas dias 08 e 09 de Dezembro



**“BATATA QUENTE”
GARGANTA SECA NA HORA
DE CONTAR AOS PAIS**

Valércya precisava desfazer-se da “batata quente” que tinha nas mãos. A garganta ficava seca e a voz quase não saía na hora de pedir a autorização aos pais. Ganhou coragem e disse ao pai que gostava de participar no concurso.



**CONCURSO
THE VOICE ANGOLA
TORNOU-A MAIS FAMOSA**

Em 2015, Valércya participa no The Voice Angola, o primeiro concurso do género realizado em África. Segundo a cantora, foi ali onde tudo começou a ficar mais sério. Viu a publicidade na Internet e inscreveu-se. Dias depois participou numa audição na Rádio Escola e foi apurada.

VALÉRCYA

CONTREIRAS PIPAS | EDIÇÕES NOVEMBRO

“O The Voice ajudou-me a encarar a música com responsabilidade”

José Bule

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O bichinho da música “morava” no sangue de Valércya. Mas ela não sabia. Começou a cantar aos 14 anos. Nunca lhe passou pela cabeça que um dia ficaria diante de uma câmara de televisão. Os pais nem desconfiavam da capacidade e qualidade vocal da menina. Cantava fora do círculo familiar. Ninguém sabia de nada.

Em 2008, Valércya da Silva ou simplesmente “Valércya” ouviu um anúncio na rádio sobre a realização do concurso Estrelas ao Palco. Ela e um grupo de amigas correram ao centro cultural Chá de Caxinde, local onde decorria o casting. Tentou a sorte e acabou admitida no concurso. Valércya estava cheia de medo. Na primeira audição, cantava de olhos fechados. Interpretou o tema “No One”, um dos maiores sucessos da cantora, pianista e compositora norte-americana Alicia Keys. Quando a maioria dos presentes na sala resolveu acompanhá-la, a candidata perdeu o medo. “Aquele foi um dos momentos mais bonitos da minha vida. Fiquei surpreendida. Abri os olhos. A partir daquele dia nunca mais parei. Eu gostava realmente de cantar, mas fazia tudo fora do círculo familiar. Os meus pais não sabiam”, declarou.

Admitida ao concurso, Valércya precisava de desfazer-se da “batata quente” que tinha nas mãos. A garganta ficava seca e a voz quase não saía na hora de pedir a autorização aos pais. “Ganhei coragem. Disse ao meu pai que gostava de participar no concurso e ele ficou parado a olhar para mim. Ele nunca me tinha ouvido cantar e, por essa razão, não sabia o que dizer”, contou.

Os pais só a autorizaram a participar no concurso depois de ouvirem alguns amigos e vizinhos que conheciam e admiravam o seu talento musical. “Eu me inspirava na Alicia Keys e o meu pai fez de tudo para conhecê-la melhor. Foi à Internet investigar a vida dela e percebeu que se tratava de uma artista que nunca esteve metida em escândalos. Só depois disso é que a autorização saiu”, explicou.

Preocupado com a imagem da filha, o pai de Valércya comprou roupa e calçado semelhante aos da cantora norte-americana. Ele queria mesmo que a filha se apresentasse em palco como a Alicia Keys. “Gostei das roupas e das botas que o meu pai comprou. Estava linda”, recorda. Todas as fases do concurso aconteceram no cine Karl Marx e Valércya chegou aos quartos-de-final.

THE VOICE ANGOLA

Em 2015, Valércya participa no The Voice Angola, o primeiro concurso do género realizado em África. Segundo a cantora, foi ali onde tudo começou a ficar mais sério. O evento tornou-a ainda mais famosa. Viu a publicidade na Internet e inscreveu-se. Dias depois participou numa audição na Rádio Escola e foi apurada.

No concurso, a cantora Yola Semedo foi a sua mentora. “Ela é muito diferente daquela pessoa que vêm no palco. É uma grande cantora, mas também dança muito. E os fãs não sabem nada disso. Com ela aprendi a ter maior controlo e domínio da voz”, revelou.

Depois do concurso, começou a cantar em bares, casinos e outras casas de espectáculos. Compôs temas e no ano passado gravou o seu primeiro vídeoclipe, uma oferta da Business Leiboll.

PERFIL:

Nome completo: Valércya Zolana Caetano da Silva
 Ocupação: Cantora
 Naturalidade: Maianga
 Cidade preferida de Angola: Luanda
 Cidade no Exterior do País: Paris
 Cor preferida: Azul
 Prato preferido: Mufete
 Bebida: Sumos Naturais
 Hobby: Ver vídeos no YouTube
 O que mais detesta na vida: Falsidade
 É ciumenta: Até um certo ponto.
 Cantor preferido: Alicia Keys e Beyoncé
 Escritor: Dan Brown
 O que está a ler: Uma Vida de Alegria



FORMAÇÃO MUSICAL

Valércya teve aulas de piano na infância. Foi no centro de formação Obra Bela que aprimorou o canto. Ficou lá mais de três anos, antes de ter aulas de “canto moderno” com o professor Massoxi Max. “A música tem sido uma escola para mim, em todos os aspectos. Eu consumo um pouco de tudo aquilo que acho positivo num artista. Quando comecei

a compor limitava-me apenas em fazer R&B. Mas agora procuro criar o meu próprio estilo”, assegura. “Doce sabor”, “Nalingui yó”, “Me arrependi”, “Nada se compara” e “Rainha” são os cinco temas musicais que a cantora tem disponíveis em várias plataformas digitais na Internet. “Não sei como definir ainda o meu estilo musical. Mas pos-

so dizer que as minhas músicas têm misturas de kilapanga com nadjá, sungura e R&B. Procuro explorar mais a nossa cultura”, sublinha. Valércya ambiciona lançar uma colectânea de músicas de interpretação, para alegrar as pessoas que gostam do seu trabalho. Só depois disso é que vai projectar o lançamento de um EP de oito músicas.



LILIANA SANTA INTERNET GRATUITA

"Em casa não consigo ter paz. Eu sou a mais velha e os meus irmãos chateiam muito. Por isso prefiro mesmo ficar aqui. Tenho o cartão de acesso aos serviços expirado. Não posso avançar para o interior do estabelecimento. Mas posso ficar aqui no jardim e circular pelo átrio, onde tenho acesso a Internet gratuita."



CLÁUDIA SEBASTIÃO GASTOS MENSAIS AVULTADOS

"Mensalmente, gastamos cerca de dois milhões de kwanzas em combustíveis. A solução é termos aqui um posto de transformação de energia para vermos resolvida a situação. A Mediateca tem água corrente. A factura que vem da EPAL pesa nas contas da instituição."

José Bule

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Há duas meninas no portão. O segurança está atento e abre-o rapidamente. Entram no espaço da Mediateca Zé Dú, no município do Cazenga, e ocupam dois bancos. Estão sentadas no jardim. Uma delas, a Liliana Santa, 22 anos, resolve ficar deitada de barriga para baixo. Tira um caderno da carteira e põe-se a revisar os conteúdos de uma das disciplinas do 4º ano do curso superior de Comunicação Social.

Residente no bairro Patrício, no Cazenga, Liliana afirma que gosta da calma do espaço e, por isso, aproveita o silêncio para estudar melhor. "Em casa não consigo ter paz. Eu sou a mais velha e os meus irmãos chateiam muito. Fazem muito barulho. Por isso prefiro mesmo ficar aqui", diz.

Liliana Santa tem o cartão de acesso aos serviços da Mediateca expirado. Ainda não renovou por falta de dinheiro. Por essa razão, não pode avançar para o interior do estabelecimento. Pode sentar-se no jardim e circular pelo átrio, onde tem acesso a Internet gratuita.

"Agora está mais caro. Antes pagava apenas mil kwanzas para ter o documento e usá-lo durante um ano. Mas agora subiu para dois mil kwanzas e, lamentavelmente, ainda não tenho esse dinheiro", lamenta a jovem, que considera excelente a qualidade dos serviços colocados à disposição dos munícipes do Cazenga e de outras localidades da província de Luanda.

"Os serviços são bons e o atendimento é ainda melhor. Aqui sinto paz de espírito. Mas, quanto as condições de acesso, acho que os estudantes deveriam pagar menos em relação aos trabalhadores", sugeriu.

Com um livro na mão, a outra menina faz leitura silenciosa. Lídia Inácio, 21 anos, sentou-se ao lado da colega e aguarda ansiosa para falar ao *Luanda, Jornal Metropolitano*. "Estou a ler um livro que me ensina a ser menos orgulhosa e a perdoar as pessoas que amo", disse a antiga moradora do Cazenga. Agora vive em Viana. Frequenta a Mediateca desde que foi aberta ao público no dia 25 de Agosto de 2016, pelo ex-presidente da República, José Eduardo dos Santos.

No jardim da Mediateca há outros jovens sentados. Há poucos metros do local onde Lídia e Liliana revêem as matérias está um casal. Neide Panda é finalista do curso de Gestão Financeira na Faculdade de Economia, da Universidade Agostinho Neto, e Afonso Fernandes frequenta o 3º ano do mesmo curso e na mesma universidade. "Frequento este local pelo menos duas vezes por semana e não tenho motivos de queixas. Mas acho que a Mediateca peca por não colocar aqui

PESQUISA CIENTÍFICA



Uma visita guiada à Mediateca do Cazenga

O estabelecimento recebe, em média, mais de 700 pessoas por dia e o serviço mais solicitado é o de pesquisas na Internet. Apesar do número de visitantes, ainda há muita gente que nada sabe da existência de uma Mediateca na localidade.

Na sala de Informática, enquanto aguarda pelo início das aulas do curso de "Excel Avançado", que frequenta de segunda a sexta-feira no espaço, Michael Jaime investiga na Internet a vida de vários actores de cinema, músicos, desportistas e de políticos famosos. Também aproveita a ocasião para ler as mensagens que "invadem" o seu endereço electrónico.

mais livros científicos, sobretudo os relacionados com a minha área de formação", destaca Neide.

É a segunda vez que Afonso Fernandes visita a Mediateca Zé Dú. O jovem vive em Viana e sublinha que, por causa da distân-

cia fica difícil aparecer mais vezes ao local. "Frequento mais a biblioteca da minha faculdade. Para estudar, o ambiente aqui é melhor. Mas ainda não tratei o passe de acesso. Apenas penso fazer isso nos primeiros dias das férias escolares", garante.

Na sala de Informática, enquanto aguarda pelo início das aulas do curso de "Excel Avançado", que frequenta de segunda a sexta-feira no espaço, Michael Jaime investiga na Internet a vida de vários actores de cinema, músicos, desportistas e de políticos famosos. Também aproveita a ocasião para ler as mensagens que "invadem" o seu endereço electrónico.

"O sinal de Internet é muito bom. É rápido", reconhece o formando. Michael Jaime mostra que já "domina" bem o computador. Escreve rápido, programa, instala e realiza outras operações com

mestria. Sabe o que faz. Está muito próximo de realizar o sonho de se tornar num "Designer Website", curso que pretende frequentar depois de concluir a formação na especialidade de "Excel Avançado".

"Decidi fazer vários cursos na área de informática porque na universidade estudo electromecânica, que me obriga a ter bom domínio do computador", explica.

Concentrado numa das máquinas, Aníbal Manuel tem os olhos fixos no computador. Parece não se importar com a presença de jornalistas do *Luanda, Jornal Metropolitano*, na sala de formação. O jovem segue os passos que aprendera na aula anterior. Aprimora os conhecimentos teóricos e práticos do curso de Informática. "O atendimento é bom. Aqui tem um bom sinal de

internet, salas de pesquisas e investigação. Mas falta na Mediateca uma sala de cinema", disse o formando, residente no bairro Vila Flor, no Cazenga.

PERDIDOS E ACHADOS

Muitos usuários abandonam cartões de acesso e outros documentos na sala de pesquisa. No final do expediente, os funcionários da Mediateca recolhem e colocam na caixinha dos "perdidos e achados", na área das Carteirinhas, onde a funcionária Cátia da Costa mostra-se disponível a dar o tratamento devido às solicitações e reclamações feitas pelos utentes.

As crianças menores de 10 anos, que frequentam a área de Infância-Juvenil, são as que mais dispersam os documentos. A maioria dos adultos volta à Mediateca para recuperá-los. Afi-



INSUFICIÊNCIA LIVROS CIENTÍFICOS

Neide Panda e Afonso Fernandes, estudantes da Faculdade de Economia da Universidade Agostinho Neto, reclamam da falta de livros científicos, sobretudo os relacionados com o curso que frequentam. A primeira é finalista de gestão financeira e, o segundo está no terceiro ano.



CARTÃO DE ACESSO DUAS MODALIDADES

O acesso à Mediateca só é permitido com cartão. Para aquisição do documento, há duas modalidades de pagamento. Quem paga mil kwanzas frequenta o espaço durante seis meses, enquanto que, para um ano paga dois mil. A instituição funciona de segunda a sábado.

nal há duas modalidades de cartões de acesso à Mediateca. O que tem duração de seis meses custa mil kwanzas, e o outro, que expira depois de um ano está avaliado em dois mil kwanzas. “Os interessados só precisam aparecer com uma cópia do bilhete de identidade e o valor correspondente. Quem não tiver o cartão não consegue entrar no interior da Mediateca. Não tem acesso às áreas de pesquisa”, explica.

São jovens dos 16 aos 30 anos de idade, alunos do ensino médio e estudantes universitários que mais visitam a Mediateca. A instituição funciona de segunda à sexta-feira, das 9h00 às 20h00, e aos sábados das 9h00 às 15h00.

Nos Cacifos, Elizângela Manuel faz o cadastramento, assegura o controlo e a recepção dos pertences dos usuários e visitantes à Mediateca. Ela também fala dos serviços, actividades e recursos disponíveis. Antes de os encaminhar para as diversas áreas de funcionamento, a funcionária dá orientações importantes aos utentes para melhor utilização dos meios disponíveis.

“Eles entregam as pastas, faço o registo e guardo tudo no cacifo. De seguida entrego a chave da gaveta correspondente ao usuário, que deverá ficar com a mesma enquanto permanecer no espaço da instituição”, diz Elizângela, que considera fácil o trabalho que realiza de segunda a sábado. Ela adora trabalhar com o público.

Há muita gente parada na zona do Cacifo. O jovem Agostinho Dulo é o que mais se destaca no meio dos rapazes e meninas que solicitam os serviços. Não pára de fazer perguntas à Elizângela, que conta agora com o auxílio de um colega, o Idalécio Funete, que chefia o turno da manhã.

O coordenador avança que o nível de disciplina apresentado pela maioria dos usuários é excelente. Explica que, antes do cadastramento, são sensibilizados sobre a forma como se devem comportar no interior da instituição.

Idalécio Funete destaca o programa “Conheça a Mediateca”. “É a denominação da campanha de sensibilização que realizamos nas escolas do município do Cazenga, para dar a conhecer os serviços que temos disponíveis na nossa instituição”, acrescenta.

Johan Matos é polivalente. Actua na área de Multimédia. Atende os adultos que consultam livros “físicos” e “digitais”. Mas agora está na Recepção Central, o ponto de informação geral dos serviços e actividades da Mediateca, onde recebe, orienta, informa e controla a entrada e saída dos utilizadores.

“Quando a sala de Multimédia está vazia, o usuário permanece no espaço o tempo que quiser. Se estiver cheia, damos um máximo de até hora e meia para cada um deles”, avisa, para realçar o nível de compreensão da maioria dos jovens que frequenta o lo-

cal. “Os usuários compreendem bem a situação e não hesitam em deixar os lugares para outros. Mas há aqueles que apresentam necessidades de continuarem na sala”, comenta.

Nestes casos, prossegue o funcionário, encontramos um lugar específico para que o usuário investigue a informação necessária que pretende, para poder concluir o trabalho.

UM BOM LUGAR PARA AS CRIANÇAS

Duas técnicas de informação. Natália da Costa e Cristina Alemão participam na realização de programas e de actividades de fomento da leitura e de jogos lúdico-didáticos, para o público infantil e juvenil.

“Implementamos várias actividades que ajudam as crianças a interpretar melhor o que lêem nos livros. Muitas delas vêm cá fazer visitas e nós aproveitamos a ocasião para incentivá-las a tratar o cartão de acesso à Mediateca”, explica Natália da Costa.

Todos os dias, a área de Infanto-Juvenil recebe mais de 50 crianças. Jogos didáticos, como “Caça palavras” e um outro de montagem de peças do tipo

Puzzle, são os preferidos dos meninos.

Também há livros interessantes, como o “Bichonário” (dicionário ilustrado), “Inventário de Animais”, e outros tantos de literatura infantil. “As crianças ficam super animadas e muitas delas não se preocupam em voltar para casa, porque encontram aqui muita coisa boa”, acrescenta Cristina Alemão.

Domingos Jorge, 12, frequenta a área de Infanto-Juvenil desde o princípio do ano. Entra no local e procura um novo livro para ler. Na Mediateca, o aluno da 7ª classe leu obras como “A Viúva e o Papagaio” e “Astérix”.

“Gostaria de ficar aqui mais tempo a ler. Mas só posso vir de manhã porque à tarde vou à escola. Estudo aqui próximo, no Complexo Escolar do Cazenga”, declara. Outro menino, Freddy Nicolau, tem 13 anos e visita o espaço pela

primeira vez. O rapaz está encantado com o que vê e promete convencer o pai a tratar o cartão de acesso ao local.

“Aprendo muito aqui. Os meus pais dizem que estou a ficar mais inteligente”, revela outra criança da mesma idade, Josué Daniel.

“Eu e o meu pai” e “Conheça o teu filho” são actividades que ajudam a “matar” a curiosidade dos progenitores e encarregados de educação, que visitam a instituição. Procuram saber tudo o que os filhos fazem no interior da Mediateca.

BOA ADESÃO

Em média, a Mediateca recebe mais de 700 pessoas e o serviço mais solicitado é o de pesquisas na Internet, atesta o coordenador da biblioteca de meios, Vinícius Pontes. Apesar do número de pessoas que visita a instituição, o responsável reconhece que ainda há muita gente que nada

sabe da existência de uma Mediateca no Cazenga.

Wínia Silvana, assessora da directora da Mediateca para Comunicação Organizacional, Secretariado e Parceiras, fala da estratégia montada para melhorar a adesão aos serviços da instituição. Segundo ela, estão a ser realizadas actividades de sensibilização nas escolas do município que já produzem resultados positivos, de acordo com os interesses e objectivos da Rede de Mediatecas de Angola (REMA).

“Também fazemos sensibilização porta a porta. Temos uma página no Facebook e um programa na Rádio Cazenga, que vai para o ar às quartas-feiras, onde falamos de todas as actividades que realizamos no nosso espaço”, esclarece.

Muitos jovens chegam ao portão da Mediateca e não entram, talvez, por sentirem que a Mediateca não é lugar para qualquer um. “Isso está errado. Todos podem cá estar. Aqui recebemos pessoas de todos os estratos sociais”, desperta a responsável.



INFANTO-JUVENIL A Mediateca tem programas para o fomento da leitura e jogos lúdico-didáticos

“É UMA TAREFA GRANDE GERIR A MEDIATECA”

A energia não é regular. De segunda a sexta-feira, as portas da Mediateca Zé Dú abrem às 9h00 e só fecham às 20h00. Aos sábados funciona das 9h00 às 15h00. Os meios electrónicos passam a maior parte do tempo a consumir energia proveniente do gerador.

“Mensalmente, gastamos cerca de dois milhões de Kwanzas em combustíveis. A solução é termos aqui um posto de transformação de energia para vermos resolvida a situação”, aponta a directora Cláudia Sebastião. A Mediateca tem água corrente. Mas a factura que vem da Empresa Pública de Águas (EPAL) também “pesa” nas contas da instituição. Para o próximo ano, a direcção da Mediateca Zé Dú aposta na abertura de cursos técnico-profissionais, como electricidade, canalização e frio.

“Esses cursos são muito solicitados pela juventude do município, que consideram a Mediateca um lugar de eleição. Por isso vamos continuar a trabalhar para satisfazer as necessidades da juventude”, termina a gestora.

A Mediateca Zé Dú é a segunda em Luanda e a sétima da Rede Nacional de Mediatecas de Angola (REMA). Cazenga, um dos nove municípios da província de Luanda, conta com seis distritos urbanos, Tala-Hadi, Hoji ya Henda, Cazenga, 11 de Novembro, Kima-kieza e Kalawenda.

Nos Cacifos, Elizângela Manuel faz o cadastramento, assegura o controlo e a recepção dos pertences dos usuários e visitantes à Mediateca. Ela também fala dos serviços, actividades e recursos disponíveis.



FIGURA MUSICAL CANTORA LINA ALEXANDRE

Corista na primeira edição do concurso Unitel Estrelas ao Palco, considera a cantora Lina Alexandre a maior figura musical feminina, para além da óbvia admiração por Matias Damásio. Emily Diabanza é o nome artístico de Isabel Rodrigues Maura, que está há dez anos no mundo da música.



HENRIQUE NEVES ROUBO DE MATERIAIS

"Faz mais ou menos quatro anos que a direcção municipal da Cultura instalou os seus serviços no centro, para que não continuasse ao abandono. Muitos computadores, cadeiras e materiais de escritórios foram roubados. O que temos é o que sobrou de tudo de bom e do melhor, em termos de equipamentos".

EMILY DIABANZA

VASCO GUTWHD | EDIÇÕES NOVEMBRO



DEDICAÇÃO Cantora Emily ganhou expressão vocal nos coros da Igreja Bom Deus, onde formou um grupo de música gospel

"Chegou a minha vez"

Com criatividade e mestria, Emily Diabanza oferece aos amantes da boa música uma nova versão da música "Papá" de Matias Damásio, cantada em lingala, onde, ao contrário do "menino bonito" da Lixeira, destaca a figura materna, daí o título "Mamã".

Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A cantora Emily Diabanza chegou ao grande público com uma versão do badalado tema Papá, original de Matias Damásio. Para lá da simples "roupagem", Diabanza destacou a figura materna e trocou o português pelo lingala, atribuindo o título Mamã.

"A música já está nas redes sociais e rádios desde o ano passado, mas sem grande investimento na promoção, razão pela qual ainda não 'explodiu' no mercado", frisou a cantora, que realça também o facto de estar a trabalhar sem apoio de uma produtora, promovendo-se como uma artista independente.

"Escolhi 'responder' ao Matias Damásio, porque acho que ele é dos músicos mais completos do nosso mercado. Gosto muito da forma de compor, por ver nele um músico que trabalha a letra com cabeça, tronco e membros", justificou.

Até ao momento ainda não obteve a opinião de Matias Damásio sobre a versão da sua música, apesar de já estar a tocar nas rádios e disponível em portais na Internet.

Emily Diabanza está no mundo da música há dez anos. Ganhou expressão vocal nos coros da Igreja Bom Deus, onde chegou a formar um grupo. "O meu melhor momento foi quando criá-

mos, na companhia de Rita Ferreira e Judite Bengue, o grupo musical gospel "Vozes de Honra". Chegámos a ganhar um concurso musical na Tv Zimbo, em 2014", destacou.

CARREIRA A SOLO

O SALTO PARA UMA carreira a solo obrigou-a a aprimorar o canto, tendo procurado cursos especializados. Nesse esforço, teve o apoio de Sakaneno, que administra aulas a artistas emergentes com boa margem de progressão na música.

"Já tenho uma série de músicas que poderiam dar em álbum. Mas não é, de momento, a minha grande preocupação. Quero trabalhar mais a minha imagem dentro do mercado, até sentir que o pessoal está a receber bem as minhas músicas", sublinhou.



Corista na primeira edição do concurso Unitel Estrelas ao Palco, a cantora considera Lina Alexandre a maior figura musical feminina, para além da óbvia admiração por Matias Damásio.

Emily Diabanza é o nome artístico de Isabel Rodrigues Maura. Emily foi-lhe atribuído por um produtor musical e Diabanza, que na língua Kikongo significa "pensamento", é apelido da família.

Entre os vários locais em que se apresenta circunstancialmente, nos fins-de-semana actua regularmente no Restaurante Esplanada Oval, no Projecto Nova Vida.

Questionada sobre qual seria o título do seu álbum, Emily Diabanza respondeu: "Chegou a minha vez." **MM**

NEGLIGÊNCIA

Centro Cultural está mal localizado

O CENTRO CULTURAL de Cacuaco está localizado numa área pouco privilegiada do bairro Nova Urbanização. Este descuido geográfico impossibilita-o de exercer a sua real importância junto da comunidade.

O Luanda, *Jornal Metropolitano* constatou no local o estado de degradação do bem público, que clama por obras de reparação para a sua manutenção. "Não conseguimos dar-lhe grande utilidade, e já houve um tempo que esteve esquecido e a mercê dos ladrões", atesta o director municipal da Cultura.

Devido à sua localização, o centro nunca foi levado em conta pela classe artística local, que se arroja em espaços alternativos

Segundo Henrique Neves, faz mais ou menos quatro anos que a direcção municipal da Cultura instalou os seus serviços no centro, para que não continuasse ao abandono. "Muitos computadores, cadeiras e materiais de escritórios foram roubados. O que temos é o que sobrou de tudo de bom e do melhor, em termos de equipamentos, que possuía o centro aquando da sua inauguração", explicou.

A falta de iluminação pública e a insegurança incomoda quem pretende usar o espaço, para actividades culturais que se estendam ao período nocturno. O público resiste em chegar ao centro devido à sua distância. A exemplo de outros estabelecimentos, como foi a experiência do Centro Cultural do Zango, a tentativa de colocá-lo sob gestão de uma entidade privada não surtiu o efeito desejado.

"Tentamos atrair um privado que quisesse gerir o espaço. Tínhamos conseguido um que fez obras de reparação no bar e cuidou que funcionasse por um certo período. Mas desistiu porque quase ninguém vinha para cá", lamentou o responsável.

Uma ou outra actividade cultural acontece esporadicamente, mas sempre tendo em conta que não deve se estender até à noite. Voluntariamente, são os membros de uma Igreja Messiânica que ajudam no asseio do recinto do centro.

Inaugurado a 23 de Janeiro de 2009, o centro foi projectado a ser um espaço digno para lazer e cultura no município. Comporta um anfiteatro de mais de duzentos lugares, um bar, um cyber, escritórios, uma biblioteca, lavabos e um recinto com três jangos.

Devido à sua localização, o centro nunca foi levado em conta pela classe artística local, que se arroja em espaços alternativos na sede do município. **MM**

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



CENTRO Descuido geográfico diminuiu a sua importância

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464



O Estado deve deixar a gestão dos terrenos infra-estruturados para evitar os episódios registados em Viana, onde a Administração Municipal foi forçada a destruir casas

CLÁUDIO DE CARVALHO

Empresário e avalista imobiliário

**SECTOR DO TRANSPORTE
MAIS LEGALIZAÇÕES**

Mil e três licenças de veículos de transporte de passageiros, 820 livretes, 476 licenças de condução de motociclos foram emitidas e licenciadas 60 empresas, entre oficinas, stands e escolas de condução, em Luanda, no mês de Novembro, no âmbito da "Operação Resgate".



"OPERAÇÃO RESGATE"

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



ORDEM Comando Provincial da Polícia repõe a legalidade nas ruas e avenidas

**Luanda desactiva
venda desordenada**

MAIS DE 300 FOCOS de venda desordenada foram desactivados, no âmbito da "Operação Resgate", realizada no mês de Novembro, na província de Luanda. A acção incidiu com grande realce para os perímetros dos Correios no Kilamba Kiaxi, Kianda e Cerâmica em Cacucaco, Bairro PIV em Viana, e "Gajageira", no bairro São Paulo, Distrito Urbano do Sambizanga.

Segundo um Comunicado de Imprensa do Governo da Província de Luanda (GPL), a acção, ainda em curso, permitiu encaminhar mais de 1.500 vendedores para os mercados oficiais.

Das visitas realizadas, segundo o comunicado, resultou a constatação de 64 infracções, realizadas 15 notificações e 13 advertências para a regularização da situação comercial, a aplicação de

10 multas e o encerramento de 2 estabelecimentos comerciais por exercício ilegal da actividade.

Na sector da saúde, foram inspecionados 619 estabelecimentos entre farmácias, colégios e clínicas, tendo se constatado irregularidades em 68, que mereceram a devida tomada de medidas administrativo-legais correctivas. Este conjunto de acções desenvolvidas em toda a província de Luanda, no mês de Novembro, permitiu arrecadar para os cofres do Estado cerca de 80 milhões de Kwanzas.

Segundo ainda o comunicado de Imprensa, o GPL encoraja os vendedores, na sua maioria mulheres, a continuar o licenciamento das suas actividades nas administrações municipais e distritos urbanos.

EXONERAÇÕES E NOMEAÇÕES

**Gabinetes provinciais
com novos gestores**

O governador da província de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, exonerou, em despacho tornado público, na quinta-feira, Manuel Xavier Pacavira, do cargo de director do Gabinete Provincial dos Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria, Baptista Adão Correia, do cargo de administrador do Distrito Urbano de Vila Verde, município de Belas, Afonso Antas Manuel, do cargo de assessor técnico do Gabinete do Vice-governador de Luanda para o sector Económico.

Num outro despacho, Adriano Mendes de Carvalho nomeou Baptista Adão Correia, para em comissão de serviço, exercer o cargo de director do Gabinete Provincial dos Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria, Afonso Antas Miguel, para em comissão de serviço, exercer o cargo de director da Unidade Técnica de Gestão do Saneamento de Luanda (UTGSL).

Zenilda Leila do Amaral Mandinga Inglês foi nomeada, para em comissão de serviço, exercer o cargo de directora-adjunta da UTGSL.

Resenha da Semana

COMÉRCIO ILEGAL

**MERCADO DA "GAJAJEIRA"
JÁ FAZ PARTE DO PASSADO**

O mercado da "Gajageira", no Distrito Urbano do Rangel, foi desactivado, na semana passada, no âmbito da "Operação Resgate", diante da revolta de vendedoras que apelavam às autoridades para uma moratória até Janeiro de 2019.

A decisão da remoção do mercado ambulante surgiu da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, face à operação em curso no país. O local não reunia as mínimas condições para o exercício da actividade comercial. A presidente da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, Antónia Nelumba, garantiu que nenhum vendedor ficará de fora, pois, referiu que no distrito do Rangel existem vários mercados com espaços suficientes. Chapada, Congolenses, Rangel, Bairro Popular e do Anangola, são os mercados com espaços a nível do distrito do Rangel.

BAÍA DE LUANDA

**LANÇADO PROJECTO
DE PROTECÇÃO ECOLÓGICA**

"Luanda Water Front" é o nome de um projecto de protecção da Baía de Luanda, lançado, na semana passada, numa cerimónia presidida pela ministra das Pescas e do Mar, Victória de Barros Neto.

Durante o acto de lançamento, a ministra declarou que o contínuo desenvolvimento urbano e industrial da zona adjacente à Baía de Luanda é uma das principais causas da perda da integridade ecológica que esta enfrenta. Victória de Barros Neto afirmou que o projecto "Luanda Water Front" é uma importante plataforma científica, por via da qual o Ministério das Pescas e do Mar vai compreender os impactos acumulativos das diferentes pressões antropogénicas exercidas na Baía de Luanda. Segundo se apurou, o projecto "Luanda Water Front" vai dar também origem à elaboração de cartas de riscos ambientais e à implementação de um programa de monitorização para a obtenção de vários cenários do estado ecológico da Baía de Luanda.

DISTRITO DO RANGEL

**FEIRA DO EMPREENDEDORISMO
APRESENTA PONTUALIDADES**

As potencialidades das unidades formativas do ciclo formativo de 2018 e a oferta de oportunidades de emprego a jovens estiveram em destaque na Feira da Formação Profissional e Empreendedorismo, que decorreu de quinta à sábado, no Largo do Soweto, Distrito Urbano do Rangel. O certame, que registou a presença de 25 expositores de diferentes unidades formativas de Luanda e não só, permitiu a divulgação da grelha formativa e apresentação de trabalhos de fim de curso.

A Feira da Formação Profissional e Empreendedorismo foi, igualmente, aproveitada para a divulgação dos serviços de um grupo de jovens empreendedores que obtiveram sucesso na vida empresarial. Esta acção visou incentivar os demais jovens sobre as valências da formação profissional e do espírito empreendedor.

Por fim...

**ANTÓNIO
PIMENTA**
Sub-Editor



TUDO AO CONTRÁRIO

Que Luanda é uma cidade onde tudo pode acontecer, todos nós já sabemos. Mesmo quando, em causa, estiver a vida de milhões de pessoas, o silêncio tumular é a norma.

A insistente convivência, entre o bem e o mal, acabou por transformar o anormal em normal, um mal que, apesar das correcções que se assistem, continuam a imperar aos mais diversos níveis.

São disso exemplo algumas denúncias tornadas públicas e mesmo outras que circulam nas redes sociais que, pela sua importância, deveria merecer a atenção das instituições do Estado, principalmente do Ministério Público, mas que na prática nada acontece.

Entre as principais referências, temos o caso dos jovens angolanos supostamente submetidos a vasectomia, ou seja, estão a ser capados numa conhecida igreja em Luanda e em outras partes do país, tendo como contrapartida missões de serviço no exterior.

Outros casos, não menos graves, estão relacionados com os alimentos que, apesar de expirados, continuam a ser comercializados nas lojas e mercados de Luanda, mesmo depois de ter sido ordenado a sua retirada do circuito do mercado, bem como o caso do arroz de plástico que, presumivelmente, estaria a ser processado em Luanda. Um conhecido cronista brasileiro disse, numa das suas crónicas, que, apesar do conhecimento não ocupar espaço é, entretanto, preciso conhecer para preservar.

No nosso caso concreto, fico sem perceber se o problema é o conhecimento ou a ausência de conhecimento para preservar, conservar, manter e fiscalizar a qualidade do que consumimos. Os montes de lixo da Chicala apenas confirmam a gritante ausência de conhecimento que estamos com ela, no que toca a preservação do ambiente e tudo que gira à nossa volta. O problema da Chicala não vai ficar completamente sanado enquanto as valas de drenagem de águas residuais, em Luanda, continuarem a funcionar como autênticas valas de escoamento de lixo que vai parar ao mar, num claro atentado ao ambiente e a saúde pública. Disso todos já sabemos, mas, infelizmente, o nosso conhecimento peca por fazermos tudo ao contrário.